

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/FRANCÊS
TURMA 2014.2

LANA PATRICIA CHAGAS MARTINS
ROSILENE VIEIRA DE VILHENA NASCIMENTO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LÍNGUA AFRICANA NO BRASIL: UM OLHAR POR
MEIO DO LIVRO DIDÁTICO DO PORTUGUÊS.**

OIAPOQUE/AP
2019

LANA PATRICIA CHAGAS MARTINS
ROSILENE VIEIRA DE VILHENA NASCIMENTO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LÍNGUA AFRICANA NO BRASIL: UM OLHAR POR
MEIO DO LIVRO DIDÁTICO DO PORTUGUÊS.**

Artigo científico a ser apresentado ao Curso de licenciatura plena Letras Português Francês da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional do Oiapoque, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Letras.

Orientadora:

Prof.^a. Esp. Juliana da Costa Castro

OIAPOQUE/AP
2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

LANA PATRICIA CHAGAS MARTINS
ROSILENE VIEIRA DE VILHENA NASCIMENTO

A CONTRIBUIÇÃO DA LÍNGUA AFRICANA NO BRASIL: UM OLHAR POR MEIO
DO LIVRO DIDÁTICO DO PORTUGUÊS.

Aprovado em:

Nota:

Professor: Esp. Juliana da Costa Castro

Instituição: Universidade Federal do Amapá

Banca Examinadora

Professor: Me. Lucinéia Alves dos Santos

Instituição: Universidade Federal do Amapá

Professor: Esp. Max Silva do Espirito Santo

Instituição: Universidade Federal do Amapá

AGRADECIMENTOS

Lana Patrícia Chagas Martins

Agradeço primeiramente a Deus, pelas vitórias concedidas diante das dificuldades que surgiram no decorrer do curso. Aos meus pais, Dinair de Araújo Chagas e Moacir Seabra Martins, pelas palavras e conselhos, que serviram de incentivo para a concretização desta etapa. Aos meus filhos, Alan Patrick Chagas Martins, Janderson Chagas de Jesus e Wendrell Kauã Chagas de Jesus, por entenderem minha ausência e ainda assim, proferirem palavras de incentivo. Aos meus familiares em geral. Aos professores do colegiado de Letras do Campus Binacional de Oiapoque, em especial à minha orientadora Juliana da Costa Castro, que apesar das dificuldades em momento algum deixou de nos incentivar e acreditar no sucesso desta pesquisa. A amiga Letícia da Silva Mamede que fez com que eu pudesse acreditar na realização deste sonho, bem como fez todas as inscrições possíveis. A amiga Rosilene Vieira de Vilhena Nascimento, parceira neste projeto. Aos meus amigos da turma 2014.2, em especial a amiga Jessica D' lírio e Diego da Silva Gomes.

Rosilene Viera de Vilhena Nascimento

Agradeço a Deus por ter me dado saúde, força e sabedoria para superar as dificuldades. A esta universidade (campus Binacional de Oiapoque), que me oportunizaram a concluir um curso superior. Aos meus pais, Jaime Pessoa de Vilhena e Rosa Tereza Viera de Vilhena pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Aos meus filhos Gabrielle Vieira de Vilhena e Gabriel Henric Vilhena Nascimento pelo amor e compreensão nos dias das minhas ausências. A minha amiga Lana Patrícia chagas Martins pelo incentivo e apoio nos momentos difíceis desse projeto. A minha orientadora Juliana da Costa Castro, pelo suporte, correções e incentivos. E a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação.

RESUMO

Sabemos que o português brasileiro se formou a partir de relações muito próxima com outras línguas, isto é, não há como negar a contribuição de populações que aqui já estavam e das que foram trazidas forçadamente para o Brasil. Tomando posse disso, esta pesquisa objetivou verificar como a Língua Africana – africanismo – contribuiu lexicalmente para o português brasileiro, e com isso tentar enxergar, didaticamente, essa contribuição no livro didático do português, por sua importância e alcance nas escolas. Metodologicamente, o estudo está ancorado na pesquisa bibliográfica, considerando a análise de livros didáticos que compreendem os anos de 2011 a 2019; os documentos oficiais que preconizam a aplicabilidade de políticas afirmativas para com o trabalho da multiplicidade/diversidade linguística, bem como o exercício efetivo da lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas redes públicas e particulares da educação, e por fim, autores da área de ciências humanas que auxiliaram na construção de nossos discursos. Em nossa pesquisa, constatamos um caminho muito longo a ser percorrido, encontramos ainda dúvidas e lacunas na construção das orientações de um ensino mais plural linguisticamente nos materiais didáticos, e em nossa conclusão percebemos que a formação básica de alunos e a bcontinuada de professores precisam ser constantemente renovadas.

Palavras-Chave: Língua Africana; Livro Didático; Documentos oficiais.

RÉSUMÉ

Nous savons que le portugais brésilien a été formé à partir de relations très étroites avec d'autres langues, c'est-à-dire qu'on ne peut nier la contribution des populations qui étaient déjà ici et ceux qui ont été amenés de force au Brésil. Compte tenu de ce qui précède, cette recherche visait à vérifier comment l'Africane - Africanisme - a contribué lexicalement au portugais brésilien et essayer de voir, didactiquement, cette contribution dans le manuel de portugais, pour son importance et sa portée dans les écoles. Méthodologiquement, cette étude est ancrée dans la recherche bibliographique, compte tenu de l'analyse de manuels scolaires couvrant les années 2011 à 2019; les documents fonctionnaires prônant l'applicabilité de politiques affirmatives à l'égard de travail de multiplicité / diversité linguistique, ainsi que l'exercice efficace de 10.639 / 03, qui rend obligatoire l'enseignement de l'histoire et de la culture afro-brésiliennes et réseaux d'enseignement publics et privés et, enfin, les auteurs du domaine de la des sciences humaines qui ont contribué à la construction de nos discours. Dans nos recherches, nous avons trouvé un très long chemin à parcourir, nous trouvons encore des doutes et des lacunes dans la construction des lignes directrices d'un enseignement plus pluraliste linguistiquement dans les supports pédagogiques et dans notre conclusion nous nous rendons compte que l'éducation de base des étudiants et la poursuite les enseignants doivent être constamment renouvelés.

Mots-clés: langue africaine; livre didactique; Documents officiels.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCN: Diretrizes Curriculares Nacionais

LP: Língua Portuguesa

LDP: Livro Didático do Português

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação

OCN: Orientações Curriculares Nacionais

PB: Português Brasileiro

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD: Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

RESUMO.....	05
RÉSUMÉ.....	06
LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS.....	07
1 INTRODUÇÃO.....	09
2. A LÍNGUA AFRICANA NO BRASIL: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	10
2.1: OS EMPRÉSTIMOS PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	12
3. O LIVRO DIDÁTICO, OS DOCUMENTOS OFICIAIS E O TRATAMENTO DA LÍNGUA AFRICANA.....	17
4. ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS: DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERENCIAS	25
ANEXOS.....	27

1- INTRODUÇÃO

Sabe-se que a língua é o reflexo de seu povo, de sua comunidade, isto é, pela língua se constrói a comunicação por textos, sejam eles orais ou escritos, mas, sobretudo, é pela língua que se constrói a identidade de uma sociedade. Quando se fala em Língua Portuguesa (LP) no Brasil, percebe-se que a mesma foi organizada pelo contato com outras línguas, de certo é mais interessante afirmar que a LP no Brasil tem raízes muito fortes com as línguas indígenas e africanas. Nesse sentido, decidimos verificar como a língua africana se estabeleceu no falar e na escrita dos brasileiros, e para que isso seja desenvolvido por meio de um olhar mais didático, além do histórico-social, optamos por enxergá-la nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa (LDP), por entender o prestígio e o alcance desse material na formação dos brasileiros.

Em relação à história de contato mencionada acima, nos ancoramos nas palavras de Almeida (2002); Ferreira (2011), que afirmam que os negros trazidos da África foram escravizados e resistiram a escravidão durante séculos, e como eles estavam em estado de submissão para com os portugueses, não era de forma alguma aceitável a inserção de sua língua e de seus costumes na sociedade brasileira. Isso nos lembrou a fala de Spivak (2014), no qual a autora deixa uma reflexão em seu ensaio: *Can the Subaltern speak?* Podemos analisar de duas maneiras, devido a um recurso gramatical, será que o subalterno pode falar? Ter poder e lugar na sociedade? Ou, num tom de surpresa, o subalterno fala? Mas como?¹ E nós, aqui, remetendo àquela época, dizemos: não. Eles não tinham poder ou lugar de fala.

Isso explica, de certa forma, o porquê da língua africana hoje não ter um espaço mais privilegiado no meio científico, isto é, em comparação com outros estudos como educação, língua portuguesa em sala de aula, análise das variedades linguísticas do português, estudos indígenas, o estudo da língua africana, não se compara numericamente a eles. Daí a importância de se debater por que a escola, em seu currículo/matriz curricular, não oferece, satisfatoriamente, aos alunos da educação básica a oportunidade de saber tais conhecimentos?

Um exemplo disso é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nesse documento há a inclinação para que os ensinos fundamental e médio oportunizem as particularidades da cultura e língua africana, porém o que se compreende nesse contexto é a superficialidade do tema nas escolas, e quando se trata dos aspectos linguísticos, a situação é ainda pior. De acordo

¹ Isso é possível porque, diferentemente do termo *may* (em inglês), *can* (em inglês) remete a mais de uma possibilidade, além de denotar uma pergunta.

com isso, Silva Neto (1951), afirma que a língua africana se organizou mais proficientemente no contexto rural brasileiro, e que a mesma não se encaixou como deveria nas grandes cidades devido a condição socioeconômica do negro. Logo, não podemos negar que a condição em que o negro africano era submetido deixou marcas profundas em sua história.

Por isso, quando decidimos falar sobre a contribuição linguística africana pensamos em contar um pouco da história do africanismo, do percurso do negro no Brasil. Porém, nossa curiosidade inicial era de saber como uma cultura tão rica não tem mais espaços/lugares de fala? Como o Estado lida com isso? Nesse momento, nasceu a proposta de olhar nossa “curiosidade” de pesquisadoras por meio do Livro Didático do Português (LDP), por sua importância e pelas palavras de Richadeau (1979), que afirma que o livro escolar representa o meio de ensino mais largamente utilizado no mundo e para se definir o que vem a ser um livro escolar, deve-se evitar qualquer qualificação formal ou restrita.

Esse autor define o poder, a riqueza e a diversidade que deve ser olhada por meio do LDP, com isso é fundamental que nós, acadêmicas de letras, tenhamos também o compromisso da investigação didática para que assim consigamos compreender a nossa cultura, nosso povo e o nosso ensino.

2. A LÍNGUA AFRICANA NO BRASIL: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.

Para iniciar esse tópico, é importante pontuar uma questão um tanto óbvia para alguns e nem tanto para outros, no qual a intenção da “estadia” dos negros no Brasil era única e exclusivamente para servirem de mão de obra pesada para a recente elite brasileira.

Para se falar sobre a cultura afro-brasileira não se poderia deixar de mencionar o período escravo que se constitui numa mancha difícil de apagar. É impossível se falar sobre a cultura dos negros, sua passagem pelo Brasil e seus dias atuais se não for escrito sobre a escravidão e suas consequências. Este estudo pretende abranger, entre outros assuntos, a escravidão, seus conhecidos males, sua travessia pelo Atlântico, O índio brasileiro era tão desprezível na avaliação portuguesa que o preço de cada um não ultrapassava a casa dos quatro mil-réis, enquanto o negro nunca era vendido por menos de cem mil réis, isto no início da escravidão. Eram, pois, os africanos, mercadoria de alto valor na época. Para isso concorria, de certo, sua fácil adaptação a faina agrícola, uma vez que, acostumados a outras condições de vida, decorrentes de civilização maias adiantada, seus hábitos e temperamento muitos diferiam do nomadismo indígena. [...] (LUNA, 1968, p. 16)

Nesse viés, podemos afirmar com bastante clareza, que a partir desse momento de escravidão foi construída e consolidada uma imagem depreciativa, pejorativa dos negros. Nogueira (2017), diz que a escravidão nos legou o racismo como prática social dominante que liga, ideologicamente, os brancos, mantendo seus privilégios, enquanto é negada a cidadania aos negros e negras. Esse autor ainda diz que o racismo que nós conhecemos é compreendido como uma relação de poder, que vai se concretizando nas instituições, nas ruas, em casa.

Isso nos fez lembrar uma fala de Bhabha (1992), que entendeu o discurso colonial como um aparato de poder, logo a finalidade do discurso colonial é construir um colonizado como alguém degenerado, com base na raça, justificando sua conquista pela depreciação do outro e assim estabelecer processos administrativos e culturais. E isso explica muito de nossa história como: processos de aculturação² dos negros no Brasil, justificativas por parte da elite sobre méritos, tentativa de apagamento das marcas da escravidão, não reconhecimento da dívida histórica dos direitos negados, e por fim, o negligenciamento de particularidades culturais e linguísticas desse povo que contribuíram para a formação do português, isto é, como se fosse extremamente natural não se dá a importância devida.

Para corroborar a questão, Ilari (2007), explica que o africanismo não teve tanto prestígio no Brasil como o indianismo porque se sabe que os processos de exploração e aculturação foram muito mais intensos com os negros. Contudo, Aragão (2011) afirma que apesar da situação de escravidão, de submissão e mesmo de degradação a que foram submetidos os africanos no Brasil, as marcas de sua cultura estão bem visíveis na cultura brasileira atual.

Outra questão relevante é que devido a exploração, havia um número considerável de mortes precocemente dos negros. Sobre esse fato, Mussa (1991, p.155):

Esclarece que, os negros escravos eram submetidos a condições de exploração tão desumanas, que seu ciclo de vida no trabalho era estimado entre cinco e sete anos. Por essa colocação do autor, podemos inferir que os escravos evitavam constituir laços familiares, ter filhos justamente por sua condição de vida.

² De acordo com o dicionário Aurélio, aculturação pode ser definida como fenômeno pelo qual um grupo de indivíduos de uma cultura definida entra em contato com uma cultura diferente e se adapta a ela ou dela retira elementos culturais.

Tomando posse da visão desses autores e de nossa vivência no Brasil, é possível compreender que a permanência do negro no Brasil, seja ele um escravo vindo de cidades africanas até mesmo um descendente, foi dificultada pelas condições sociais ofertadas pela elite brasileira e pelo Estado. Entretanto, mesmo com todos os percalços, é inegável a contribuição cultural e linguística do negro africano e brasileiro. Sabemos que o nosso foco é linguístico, mas, nesta pesquisa, iremos sempre imbricar cultura e língua, no intuito de promover no leitor a mesma curiosidade científica que tivemos, a fim de debater, compartilhar conhecimentos. No item abaixo, elencamos uma série de palavras de origem africana.

2.1 Os empréstimos para o português brasileiro.

Silva Neto (1951; 1963) esclarece que os escravos trazidos da região costeira³ do continente africano, possivelmente, já teriam um breve contato com a língua geral, ou seja, já falavam um dialeto *crioulo- português*. Isso se sustenta por pesquisas que mostram que durante os séculos XV, XVI e XVII, o português estava presente na Costa Africana. Outra questão está no primeiro dicionário monolíngue do idioma português de 1789, de Antônio Moraes e Silva. Esse autor chamava atenção para a presença lexical africana, citando algumas palavras, que já haviam sido adotadas pelos falantes da língua portuguesa, como: *cafuné*, *batucar*, *quiabo*, *moleque*. Mesmo assim, a precariedade de estudos voltados para este tema na época colaborava com o desprestígio do léxico africano.

É fato quando se fala do desprestígio em sistematizar, fortalecer a contribuição linguística africana, isso é uma questão cultural, de poder, de europeização. Quando na introdução deste trabalho afirmamos que o africanismo teve “melhor aceitação” no meio rural era justamente para que compreendamos que o afastamento dos grandes centros tinha a intenção de isolar ao máximo aquilo que a norma padrão e culta da Língua Portuguesa adotava como “ideal”.

Nós podemos verificar isso na obra “o dialeto caipira”, de Amadeu Amaral, que apesar do autor ter direcionado a pesquisa para o interior do Estado de São Paulo, ele acabou por alimentar uma concepção de que a contribuição linguística africana foi desenvolvida no meio rural, e afirmou que não era de interessa trazer a língua africana para os grandes centros regionais. No mesmo pensamento estava o do linguista Silva Neto (1951).

³ Guiné, Costa da Mina, Angola, Moçambique.

Contudo nem todos partilhavam da mesma concepção reducionista, Alkimin e Petter (2008) explicam que o marco fundamental para os estudos da presença de línguas africanas no português do Brasil é a publicação, em 1933, de duas obras intituladas de “*A influência africana na língua portuguesa do Brasil*”, de Renato Mendonça e o “*Elemento afro-negro na língua portuguesa*”, de Jacques Raimundo. Estas conseguem, de forma organizada, debater a presença lexical africana no falar brasileiro. Se pararmos para pensar, foram necessários 144 anos desde o primeiro dicionário monolíngue e o debate entre autores, desde uma visão reducionista até a saída da mesma, isto é, mesmo que ainda de forma tímida, houve avanços no tratamento e cuidado com as raízes linguísticas africanas que aqui deixaram marcas.

Por fim, outro material colaborou para a mudança de paradigma é o “*livro a influência africana no português falado no Brasil*”, da fundação Gusmão, que se baseou fortemente na obra de Renato Mendonça de 1933, e acabou por evidenciar 350 léxicos de origem africana, presentes do PB, dados que ficaram bem distantes dos 3000 léxicos presentes na obra *Falares africanos na Bahia* de Yeda Pessoa de Castro do final do século XX, Apesar das modificações sofridas no léxico desde a colonização, vários vocábulos prevalecem enriquecendo a língua portuguesa.

Assim, para esclarecer melhor essa pesquisa, abaixo organizamos em forma de quadro, uma série de léxicos que fazem parte do dia a dia do falar dos brasileiros:

No primeiro quadro, percebemos a presença lexical muito comum em ambientes religiosos, ou seja, cultos religiosos, utilizados frequentemente no Estado da Bahia. Segundo Yeda Castro (2009), no trabalho *culturas africanas nas Américas*, os chamados cultos afro-brasileiros, figuram o maior ponto de resistência que foi oferecido às culturas europeias pelas culturas africanas, porém as vozes africanas deixaram suas marcas presentes no PB, chamando atenção para a palavra *candomblé*, que é empregada com o sentido voltado para os cultos onde a autoridade suprema pode ser chamada de mãe de santo ou pai de santo.

QUADRO 01- PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANAS DE CUNHO RELIGIOSO.

Palavra	Origem	Significado
Axé	Do ioruba àse	Poder e energia sagrada dos orixás.

Exu	Do ioruba èsu	Entidade espiritual do candomblé.
Iemanjá	Do ioruba yè m-ndja	Refere-se ao orixá dos rios e lagos da Nigéria.
Macumba	Do quimbundo macumba	Religião afro-brasileira
Orixá	Do ioruba òrisa	Divindade secundária
Candomblé	De etimologia banto	Designa as religiões populares brasileiras de origem africana na Bahia.

Fonte: Adaptadas pelas pesquisadoras (2019)

Dando continuidade ao léxico herdado por meio do contato com os povos africanos, no quadro seguinte exemplificaremos outras palavras que são utilizadas no contexto brasileiro, mais especificamente na região da Bahia, onde se concentrava o maior número de escravos oriundos do continente africano.

QUADRO 02- PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANAS EM DANÇA, MÚSICA, JOGOS.

Palavra	Origem	Significado
Birimbau	do quimbundo birimbau	Instrumento musical
Calonbo	do quimbundo kalanga	Quisto, doença
Ganzá	do quimbundo nganza	Espécie de maracá, reco-reco.
Maculelê	Do quicongo makalele	Bailado guerreiro da Bahia.
Samba	Do quicongo samba	Dança de compasso binário.

No quadro seguinte, é possível observar que as marcas enunciativas africanizadas do PB, foram além dos cultos religiosos, danças, músicas e jogos, outro aspecto importante da influência linguística africana, são os empréstimos de sua culinária. Destaca-se aqui palavras como: farofa, que os brasileiros pronunciam diariamente, sem, às vezes, perceber que sua origem é do tronco linguístico africano.

QUADRO 03- PALAVRAS UTILIZADAS NA CULINÁRIA SUAS ORIGENS E SIGNIFICADOS.

Palavra	Origem	Significado
Acarajé	do ioruba akarà-je	Bolinho de feijão
Farofa	do quimbundo falofa	Prato feito com farinha de mandioca.
Fubá	do quimbundo fubá	Farinha de milho
Jabá	do ioruba jàbájábà	Carne seca
Moqueca	do quimbundo mukeka	Guisado de peixe ou de marisco.
Quibebe	do quimbundo quibebe	Papa de abóbora ou de banana
Quitute	Do quicongo kilute	Comida, fina, iguaria delicada manjar.

Fonte: Adaptadas pelas pesquisadoras (2019)

Ainda sobre a contribuição linguística africana, o 4º quadro denota exemplos garantindo sua presença na fauna e flora, confirmando assim, que a linguagem em questão atuou de forma diversificada, dando nome ou simplesmente renomeando vocábulos já existentes.

QUADRO 04- PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA NA FAUNA E FLORA.

Palavra	Origem	Significado
Camundongo	Do quimbundo camundongo	Rato
Caxinguelê	Do quimbundo kaxijangele	Esquilo
Dendê	Do quimbundo ndende	Fruto do dendezeiro
Marimbondo	Do quimbundo marimbondo	O mesmo que vespa
Mutamba	Do quimbundo mutamba	Árvore

Quiabo	Do quimbundo kingonbo	Planta cultivada são usadas em variedades de pratos da cozinha brasileira.
--------	-----------------------	--

Fonte: Adaptadas pelas pesquisadoras (2019)

Até aqui verificamos uma diversidade contextual da contribuição africana no nosso falar e escrever. No quadro seguinte, a contribuição do africanismo se mostra de maneira plural, destaca-se a palavra caçula, que designa o filho mais novo, sendo, que a palavra caçula, substituiu a palavra benjamim, que era utilizada para o mesmo fim.

QUADRO 05- DIVERSIDADES LEXICAIS

Palavra	Origem	Significado
Bunda	do quimbundo mbunda	Nádegas
Cacimba	do quimbundo kixíma	Cova que recolhe água de terrenos pantanosos.
Caçula	do quimbundo kasule	Último filho, filho mais novo da família.
Cafuné	do quimbundo kafundu	Carinho
Capanga	do quimbundo capanga	Guarda costa.
Cochilar	do quimbundo koxila	Dormir pouco.
Moleque	do quimbundo muleke	Menino de pouca idade
Quilombo	do quimbundo kilombo	Valhacouto de escravos fugidos
Quitanda	do quimbundo kitanda	Local onde se vende legumes.
Senzala	do quimbundo sanzala	Alojamentos de escravos
Tanga	do quimbundo ntanga	Pano de cobre desde o ventre até as coxas.
Zumbi	do quimbundo nzumbi	Fantasmas.

Fonte: Adaptadas pelas pesquisadoras (2019)

Neste tópico e subtópico tivemos a intenção de mostrar toda a riqueza social, cultural e linguística africana, esta que muito contribuiu para a complexidade e diversidade da língua portuguesa. Sabemos que apesar do desprestígio desde o tempo da escravidão, das renúncias e dos processos de aculturação, é inegável a importância e a participação do africanismo. Devemos pensar como Bakhtin (2012) que dizia o princípio dialógico funda a alteridade como constituinte do ser humano e de seus discursos, considerando que a relação dialógica encara as diferenças, introduzindo expressividade, tom valorativo, modificações e digressões do que se entende por fixidez.

O que ele quis dizer? Que apenas somos intermediários dos discursos e que o discurso se faz na diferença, no hibridismo, é por meio dele que se constrói nossa identidade, nossa autenticidade. Bhabha (2007) afirma que o hibridismo não tolera mitos de hegemonia nacionalista ou imperialista para justificar uma dominação cultural e oportunista. Sendo assim, quando pensamos na influência linguística africana no Brasil, temos um encontro com nós mesmos.

3. O LIVRO DIDÁTICO, OS DOCUMENTOS OFICIAIS E O TRATAMENTO DA LÍNGUA AFRICANA.

Neste momento, pretendemos apresentar três pontos fundamentais que norteiam este trabalho: Livro Didático do Português, os Documentos Oficiais que auxiliam na construção do LDP e Língua Africana. Todos em ordem e imbricados para uma compreensão mais clara e objetiva de nossa pesquisa.

De uma forma simples, podemos dizer que o livro didático do português é um material entregue ao professor e este tem a responsabilidade em didatizar os seus conteúdos. Também podemos dizer que o LD é um instrumento de mediação em sala de aula, no qual aluno e professor procuram compartilhar informações e construir entendimentos por meio dos assuntos elencados. Ainda podemos dizer que o LD assume uma postura de referência curricular, de métodos de aprendizagem, de análise de ideologias, referências culturais, e o mais importante, nas palavras de Choppin (2004), o LD é um documento, um registro.

Na mesma linha, Richadeau (1979 apud BARROS-MENDES, 2005) complementa nosso raciocínio ao dizer que, o livro escolar seria desde um atlas, um dicionário, uma enciclopédia, uma antologia, até um livro didático propriamente dito. Nele se pode observar um aprendizado por meio da leitura, da escrita, da literatura, da gramática. Diante disso, mesmo que

quiséssemos, não poderíamos negligenciar a importância do livro didático na sociedade, isto é, o LD ainda tem um alcance muito forte e um prestígio dentro das escolas.

Mas como todo material, o LD possui lacunas e exige sempre mudanças. As críticas recebidas nos últimos 30 anos, o fizeram acompanhar a dinâmica da sociedade, ou seja, verificamos nos últimos 10 anos um LD mais preocupado em criar campos de diversidade social, de multiplicidade de textos e de temas, mas ainda peca, ainda precisa ser constantemente renovado, já que se parte do princípio que não basta a sua existência e comercialização, é fundamental que ele siga na mesma direção de sua clientela (alunos e professores) e de suas mudanças.

Mas mesmo assim, afirmamos que o LD ainda se constitui em um instrumento pedagógico de debates, valores, ideologias e cultura, ou seja, o livro didático está intimamente relacionado com os processos de socialização. E mais, como bem pontua Buzen (2005), o LD se configura como um enunciado em um gênero do discurso, produzido por diversos agentes como os autores, editores, ilustradores, numa instância pública, que seriam as editoras, e que procuram satisfazer as necessidades de um ensino-aprendizagem formal da LP. Desta forma, o LD requer um trabalho em conjunto com diferentes discursos e espaços discursivos imbricados em seus campos de produção e de circulação.

Outra questão a ser abordada neste trabalho são os documentos oficiais, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs); Orientações Curriculares Nacionais (OCNs); Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs); Base Nacional Comum Curricular (BNCC); Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB); Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que auxiliam na elaboração do livro didático de Português, considerando os aspectos linguístico-textuais, troca de saberes professor-aluno, produção diversificada de textos.

Assim, quando se elabora um LD é fundamental que se discuta como as orientações oficiais podem ser transpostas e didatizadas para sala de aula. Também se é discutido como o professor pode tomar posse dessas orientações, já que sabemos que o LD é um suporte, e nele não é possível encontrar de forma minuciosa o assunto tratado em cada capítulo, tópico.

É nesse momento que o professor precisa compreender a proposta dos conteúdos e atividades do LD, o professor precisa entender também o que dizem as orientações oficiais para que assim, possa avaliar a metodologia apresentada pelo material. Nesse sentido, o professor se apropria dos documentos e do material didático no intuito de promover em sala de aula um ensino mais dialógico, interativo, condizente com a realidade de seu alunado.

Nesse contexto, é importante que saibamos como os documentos oficiais se organizam na educação escolar. Os PCNs (1998) foram parâmetros elaborados pelo Governo Federal para orientar educação básica. Esse documento é separado por disciplinas diversas, contendo para cada uma, uma prática pedagógica específica visando mobilizar um conjunto de conhecimentos, procedimentos, competências e habilidades para um ensino mais aproximado com a realidade do aluno, dando também subsídios para que o professor possa ter estratégias para um ensino-aprendizagem mais eficaz.

Mais adiante temos as OCN's de (2006) que foram elaboradas para o ensino médio, essas orientações agruparam-se com as propostas dos PCN's no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura com textos e temas diversos, valorização cultural cotidiana e específica, diálogo sociointeracionista, porém com um olhar mais amplo sobre o eixo da oralidade. As DCNs (2013), em sua página inicial, afirmam que esse conjunto de diretrizes intenta estabelecer bases comuns nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, bem como para as modalidades com que podem se apresentar, a partir das quais os sistemas federal, estaduais, distritais e municipais dialoguem com toda sociedade.

A BNCC (2014) veio para aglutinar todas as propostas oficiais, bem como está ancorada nas propostas da LDB. A BNCC pensa em quatro fatores fundamentais: aluno, competência, mercado de trabalho e formação inicial e continuada de professores. Na tentativa de dirimir a desigualdade ainda presente na Educação Básica do Brasil, e para que isso ocorra, de acordo com o documento, é necessário mudar o currículo escolar, influenciar na formação inicial e continuada dos educadores, produzir materiais didáticos, avaliar e examinar à luz do texto base nacional.

Podemos perceber até aqui que, todos os documentos apresentados, de maneira breve, estão intimamente ligados com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (1996), logo, se nota a importância desse documento para a concretização de propostas para o ensino no Brasil. No seu art. 1, diz que: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. É nesse contexto que todos os programas realizados após LDB/1996 se amparam, se complementam, se justificam.

Por fim, chegamos ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que foi criado para avaliar e disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio a prática educativa, desta forma a partir de promulgada a lei 10.639, que alterou a lei de

Diretrizes e Bases da Educação (LDB), onde passou a exigir que as escolas brasileiras de ensino fundamental e médio incluíssem na grade curricular o ensino da História e Cultura-Afro-Brasileira, desta forma o LDP torna-se ainda mais importante na difusão do saber sistematizado, fato que pode desfazer a visão estereotipada referente a influência lexical africana, causando assim, a reflexão de quem o utiliza, em relação a sua representatividade no PB.

Com a lei 10.639/03, o ensino voltado para a influência cultural linguística africana ganhou espaço nos livros didáticos, porém não é um espaço ideal. Se pararmos para analisar, todos esses documentos possuem uma teoria completa, coerente e inclusiva, mas o que se vê na prática são alunos, professores e os demais membros da sociedade que não sabem lidar com as mudanças, com o espaço reservado às minorias em direitos, ou seja, tudo ainda é muito distante da realidade, mas não podemos negar os avanços, assim como não podemos negar a luta para reverter um cenário tão desigual.

4. ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS: DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS.

Na esfera escolar, o livro didático de Língua Portuguesa ganha importância no final da década de 60. Segundo Bezerra (2011), o LD foi propagando como um modelo de organização linguística que atuaria de maneira eficaz no ensino de LP. O autor ainda explica que, o surgimento do LD atribui-se as transformações sofridas pela Língua Portuguesa. Assim, entendemos que essas mudanças, transformações devem e precisam abarcar as contribuições de outras línguas, línguas estas que formataram nosso domínio lexical, como o africanismo. Por isso a escolha de enxergar a contribuição linguística africana por meio do livro didático, ele é um material de alcance, um material que é compartilhado quase que diariamente entre os alunos e professores.

Tomamos como objetos de análise, os seguintes livros didáticos de Língua Portuguesa (LDP): *Português linguagem* dos autores, William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães, este LDP compreende de 2011 a 2013; o livro *Português (projeto Teláris)*, o LDP tem como autoras Ana Trinconi, Terezinha Bertis e Vera Manchezi, e, compreende os anos de 2014 a 2016; o terceiro livro analisado: *Singular & Plural*, tem como autores: Laura de

Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart, compreendendo os anos de 2017 a 2019⁴, a partir dessa exposição dos objetos de pesquisa, iremos traçar um percurso cronológico quanto a evolução da representatividade linguístico africana no LDP.

4.1: Apresentação dos dados obtidos a partir das análises:

Quadro 06: análise do suporte didático *Português Linguagem*

Livro	Autor (es)	Organização	Pontos positivos	Pontos negativos
Português Linguagem	William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães	Dividido em quatro unidades e três capítulos em cada unidade.	Alguns léxicos de origem africana foram encontrados no texto “o povo”.(p.12 e 13)	Não fica clara a presença do léxico africano.

Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisarmos o LDP *Português Linguagem*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães correspondente aos anos de 2011 a 2013. Nas páginas 12 e 13, trazem o texto: **O povo: suas cores, suas dores**, onde encontramos a palavra “samba” e “sambar” no texto de Luiz Fernando Veríssimo. Sendo que ambas são palavras de origem africana. Porém, nem mesmo no glossário fica explícito seu significado e sua origem, ficando assim, claro o apagamento quanto à representatividade linguística africana, levando em consideração, que o livro didático poderia fomentar e fortalecer a importância desta, que muito colaborou para, que o português brasileiro se distanciasse do português de Portugal.

Diante da importância do manual didático espera-se que este possa trabalhar a questão linguística africana com mais clareza para que assim, o aspecto linguístico possa ser apresentado aos alunos, que eles saibam de onde e como se organizou a nossa Língua Portuguesa. Mais uma

⁴A produção e repasse dos Livros Didáticos é feita a cada três anos, sendo utilizados por professores e alunos de escolas públicas como importante instrumento na difusão do saber, produzido de acordo com as leis, que regulamentam a educação.

questão, o LDP como ferramenta norteadora do saber tem que enfatizar as questões voltadas para o léxico que enriquecessem o PB, bem como preconiza a lei 10.639⁵, isto é, deveria ser cobrado o exercício de tal lei, visando uma melhor interlocução quanto à diversidade linguística.

Quadro 07: Análise do suporte didático *Português (Projeto Teláris)*

Livro	Autor (es)	Organização	Pontos positivos	Pontos negativos
Português/ (Projeto Teláris)	Ana TrinconiBorgatto, Terezinha Bertin e Vera Manchezi.	Divide-se em quatro unidades, contendo dois capítulos em cada unidade.	A segunda unidade trabalha o romance de um autor Angolano, além da gramática. Neste contexto aparecem léxicos de origem africana.	A valorização cultural prevalece enquanto o desinteresse pela língua africana predomina.

Fonte: Dados da pesquisa

Seguindo o percurso de análise do LDP, o manual português (Projeto Teláris), compreende os anos de 2014 a 2016, tendo como autoras Ana Trinconi, Terezinha Bertis e Vera Manchezi, este traz uma abordagem pouco mais significativa, que o livro anterior, a partir do romance do autor Angolano Pepetela, sendo que apenas no segundo capítulo da primeira unidade foi encontrado algo referente à temática. O referido suporte disponibiliza de quatro unidades, contendo dois capítulos por unidade com atividades e assuntos, que compreendem da página 50 à 90.

Dentro do gênero romance as autoras trabalham leitura e interpretação de texto, elementos e momentos da narrativa, sequências textuais, a Língua Portuguesa no Brasil e em outros países, a gramática e, produção textual, tomando como base romance Gunga e Uassamba (Artur Carlos dos Santos, Pepetela).

⁵Lei 10.639/03, obriga o ensino da história da África e dos africanos, em todos os estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

O referido instrumento ainda dispõe de um glossário, conceituando os léxicos, no entanto em momento algum fica clara a procedência destes. Em relação ao manual anteriormente analisado, é possível perceber uma evolução significativa nos processos de aprendizagem da cultura africana. Nesse contexto, os textos que compõem o capítulo 2, fazem referência ao racismo, preconceito e história de superação, não havendo nos textos ou até mesmo nas atividades complementares nada quanto ao uso do africanismo.

Quadro 08- Análise do suporte didático *Singular e Plural*.

Livro	Autor (es)	Organização	Pontos positivos	Pontos negativos
Singular e Plural: Leitura, Produção e Estudos de Linguagem. 2017-2019	Laura Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart.	O livro se divide em: Caderno de Leitura e Produção.	Texto referente ao abolicionismo, no terceiro capítulo da segunda unidade, na p. 233.	Somente enfatiza a questão histórica africana no contexto brasileiro.

Fonte: Dados da pesquisa

No terceiro LDP analisado, trata-se de uma edição mais atualizada de acordo com normas determinadas pelos documentos oficiais, e tem como base a lei 10.639/03. Na nossa análise, o manual traz na página 233 fragmentos de um texto expositivo referente ao abolicionismo, onde se trabalha os operadores argumentativos, no entanto permanece a desigualdade quanto a representatividade lexical africana. Diante do que foi analisado percebe-se, que os LDPs ainda enfatizam, em sua grande maioria, cultura africana, o social, porém poucos citam os aspectos linguísticos que contribuem para riqueza da Língua Portuguesa. Sendo assim, é notória a percepção de uma fragilidade quanto ao aprofundamento linguístico africano, mesmo quando se considera um avanço simbólico quanto os processos histórico-culturais contidos no livro didático.

Diante de nosso objeto de pesquisa, foi possível constatar a permanência dos conhecimentos linguísticos e posicionamentos herdados dos discursos europeus, ocidentais, e

uma vaga alusão do africanismo que tanto fez parte de nossa história, mas que ainda continua negligenciado, o que queremos dizer? É que não podemos nos acostumar com a história contada pelos colonizadores, e sim, oportunizar espaços de fala com os verdadeiros donos da história. Precisamos trabalhar de acordo com o que preconizam os documentos oficiais, tornando assim, a escola um lugar de debate e pensamento livre e crítico, pois esta se quiser, tem competência de fazê-lo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o percurso histórico dos negros foi tortuoso, e que os preconceitos de raça aqui foram estabelecidos, os elementos linguísticos não ficariam de fora. Mas para saber disso cientificamente, precisaríamos pesquisar, confirmar nossas hipóteses. E encontramos manuais recentes que em um período curto negligenciaram a influência africana nos processos linguísticos do Brasil, isto é, ainda se tem uma visão depreciativa desse povo que luta fortemente por seu lugar na sociedade brasileira.

Outro ponto, sabemos que, na cada de 90 ocorreu uma série de reformas educacionais, no intuito de mudar o perfil escolar e dar “espaço” às minorias em direito. Também é certo dizer que a teoria dos gêneros dos discursos, vem auxiliando para a mudança de costumes, e de melhoria no setor educacional. Porém, ainda há muito caminho a percorrer, por exemplo: quem no lugar de sua fala pode lutar por esses conhecimentos? Mas quem não está pode? Sim, todos podem. Mas com a noção de seus limites. O que não podemos permitir que nossa história seja sempre recontada pelo discurso colonizador ocidental.

Ao final de nossa pesquisa tivemos uma sensação de fragilidade quanto ao tratamento do africanismo, vimos materiais didáticos que não atendem as questões multilinguísticas descritas nos documentos oficiais e na lei 10639/03, ou seja, chegamos à conclusão que o caminho está distante de uma aplicação efetiva, de uma valorização, bem como um constante reconhecimento histórico. Desta forma, os manuais didáticos ainda não estão preparados para atender as lacunas referentes ao legado linguístico africano.

Tomando posse disso, entendemos a necessidade de promoção de debates dentro e fora da sala de aula, já que se trata de uma situação delicada e mal resolvida na história brasileira, a dos direitos dos negros e de seus conhecimentos transpostos mais amplamente na sociedade. O que queremos é falar sobre isso, é debater, escutar e mudar esse cenário, mas para que isso

ocorra é fundamental que aqueles que possuem o lugar de fala, digam, e aqueles que não têm, os escutem e respeitem seus limites.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Trad. De Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 1998.

BARROS-MENDES, A. N. N. **A linguagem oral nos livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Fundamental – 3º e 4ª ciclos: algumas reflexões**. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC/LAEL, 2005.

Base Nacional Comum Curricular adaptado.
<http://pt.m.wikipedia.org/wiki/base_nacional_comum_Curricular>. Acesso em: 6 de junho de 2019.

BEZERRA, M. A. **Textos: seleção variada e atual**. In: DIONÍSIO, A. P; BEZERRA, M. A. (Org.). O livro didático de português – múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CORACINI, M. J. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes, 1999.

DUPRAT, Pedro. **A literatura esquecida- livros didáticos ignoram a produção afro-brasileira e africana**. BUNZEN Clecio, Ensino de Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/ensino-de-lingua-portuguesa>, > acesso: 7 de julho de 2018.

ILARI, Rodolfo. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LUNA, Luiz. **O Negro na luta contra a escravidão**. Leitura: Rio de Janeiro, 1968.

MENEZES, Takuno Ebenezer. **Pedagogia Tradicional**. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/pedagogia-tradicional/>. Acesso em: 9 de setembro de 2018.

MEDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil** / Renato Mendonça, apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. – Brasília: FUNAG, 2012.

NOGUEIRA, Fábio. **Governo Temer como restauração colonialista**. *Le Monde Diplomatique*. Brasil, Rio de Janeiro, p. 4-5, 9 jan. 2017.

OLIVEIRA, Andréa. **Parâmetros Curriculares Nacionais: documento completo, atualizado e interativo**. Disponível em: <https://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-documento-completo-atualizado-e-interativo/>. Acesso em junho de 2019.

Parâmetros Curriculares Nacionais Adaptado. Disponível: <http://pt.m.wikipedia.org/wiki/paramentos_curriculares_nacionais>. Acesso em: 6 de junho de 2019.

Retrocesso na Educação, Como a Ditadura Interferiu na Educação Brasileira. Disponível em: <<https://ditaduranuncamais.cnte.org.br/o-retrocesso-na-educacao/>>. Acesso em 28 de maio de 2019.

RICHARDEAU, F. (1979) **Conception et production des manuels scolaires: guide pratique**. Publicado por L'Organisation des Nations Unies pour l'Éducation, la Science et la Culture. Paris: UNESCO.

SAID, Edward. **Orientalismo: O oriente Como Invenção do Ocidente**. São Paulo. Edição. Companhia das letras, 2007.

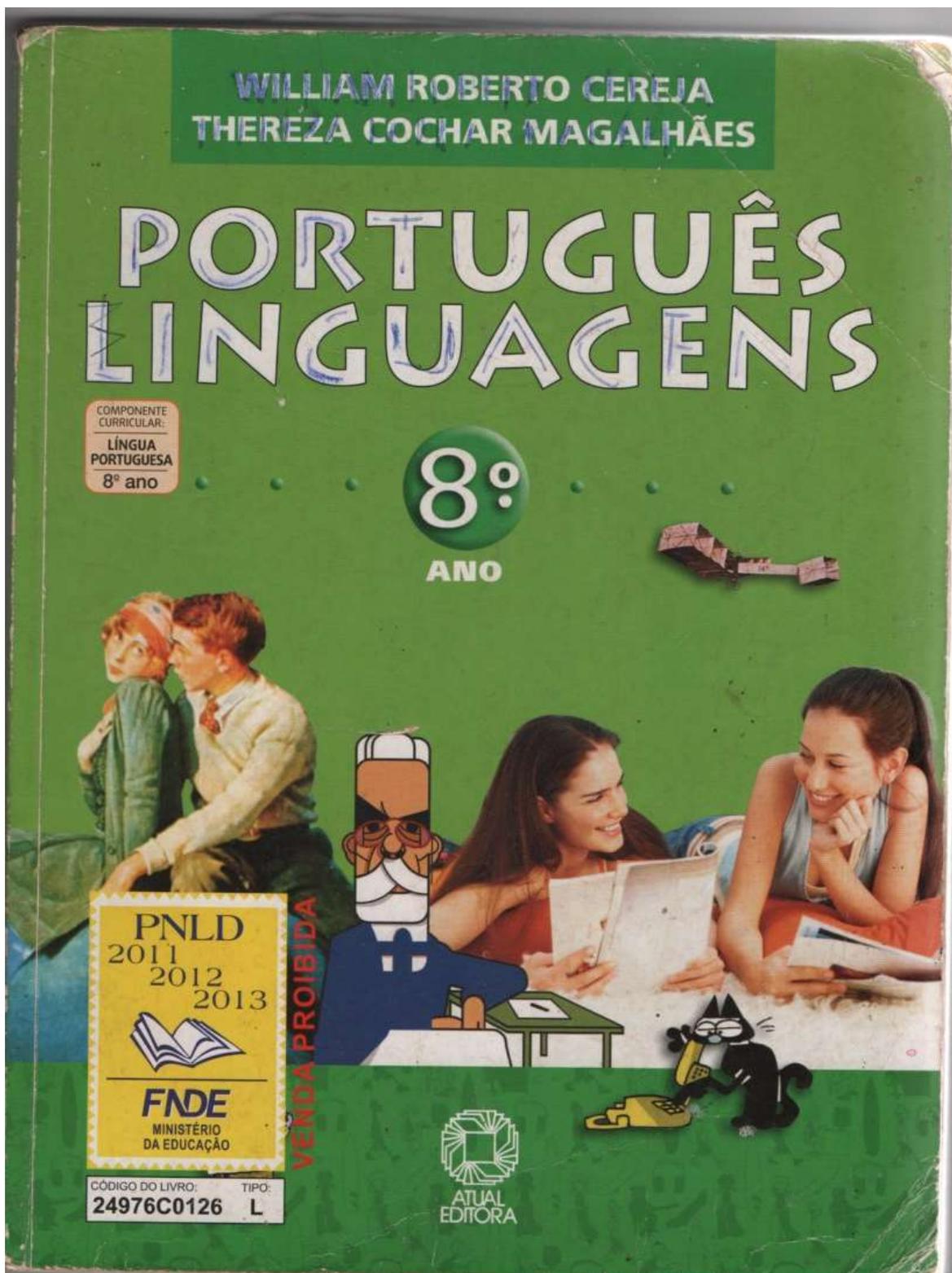
SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

Todos pela Educação. O que são e para que Serve as Diretrizes Curriculares? Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/o-que-sao-e-para-servem-as-diretrizes-curriculares/>. Acesso em: 7 de junho de 2019.

Anexos

ANEXO A – CAPA E PAGINAS DOS LIVROS ANALISADOS

Livro 01:



CAPÍTULO 1



O povo: suas cores, suas dores

De repente, aquela pessoa acostumada a tantas regalias — roupa lavada, casa limpa, comida feita — tem um sentimento diferente: quer ser como todas as pessoas, quer ser povo. Será isso possível?

Povo

- Geneci...
 — Senhora?
 — Preciso falar com você.
 — O que foi? O almoço não estava bom?
 — O almoço estava ótimo. Não é isso. Precisamos conversar.
 — Aqui na cozinha?
 — Aqui mesmo. O seu patrão não pode ouvir.
 — Sim, senhora.
 — Você...
 — Foi o copo que eu quebrei?
 — Quer ficar quieta e me escutar?
 — Sim, senhora.
 — Não foi o copo. Você vai sair na escola, certo?
 — Vou, sim senhora. Mas se a senhora quiser que eu venha na terça...
 — Não é isso, Geneci!
 — Desculpe.
 — É que eu... Geneci, eu queria sair na sua escola.
 — Mas...
 — Ou fazer alguma coisa. Qualquer coisa. Não aguento ficar fora do Carnaval.
 — Mas...



- Vocês não têm, sei lá, uma ala das patroas? Qualquer coisa.
 — Se a senhora tivesse me falado antes...
 — Eu sei. Agora é tarde. Para a fantasia e tudo o mais. Mas eu improvisei uma baiana. Deusa grega, que é só um lençol.
 — Não sei...
 — Saio na bateria. Empurrando alegoria.
 — Olhe que não é fácil...
 — Eu sei. Mas eu quero participar. Eu até sambo direitinho. Você nunca me viu sambar? Nos bailes do clube, por exemplo. Toca um samba e lá vou eu. Até acho que tenho um pé na cozinha. Quer dizer. Desculpe.
 — Tudo bem.
 — Eu também sou povo, Geneci! Quando vejo uma escola passar, fico toda arrepiada.
 — Mas a senhora pode assistir.
 — Mas eu quero participar, você não entende? No meio da massa. Sentir o que o povo sente. Vibrar, cantar, pular, suar.
 — Olhe...
 — Por que só vocês podem ser povo? Eu também tenho direito.
 — Não sei...
 — Se precisar pagar, eu pago.
 — Não é isso. É que...
 — Está bem. Olhe aqui. Não preciso nem sair na avenida. Posso costurar. Ajudar a organizar o pessoal. Ajudar no transporte. O Alfa Romeo está aí mesmo. Tem a Caravan, se o patrão não der falta. É a emoção de participar que me interessa, entende? Poder dizer "a minha escola...". Eu teria assunto para o resto do ano. Minhas amigas ficariam loucas de inveja. Alguns iam torcer o nariz, claro. Mas eu não sou assim. Eu sou legal. Eu não sou legal com você, Geneci? Sempre tratei você de igual para igual.
 — Tratou, sim senhora.
 — Meu Deus, a ama de leite da minha mãe era preta!
 — Sim, senhora.
 — Geneci, é um favor que você me faz. Em nome da nossa velha amizade. Faça qualquer coisa pela nossa escola, Geneci.
 — Bom, se a senhora está mesmo disposta...
 — Qualquer coisa, Geneci.
 — É que o Rudinei e Fátima Araci não têm com quem ficar.
 — Quem?
 — Minhas crianças.
 — Ah.
 — Se a senhora pudesse ficar com eles enquanto eu desfilo...
 — Certo. Bom. Vou pensar. Depois a gente vê.
 — Eu posso trazer elas e...
 — Já disse que vou pensar, Geneci. Sirva o cafezinho na sala.



Henrique Klipper

ala: fila, fileira, partes de uma escola de samba, de um batalhão, de um prédio, etc.
alegoria: no carnaval, cada uma das figuras ou ornamentações que ilustram o enredo de uma escola de samba.
ama de leite: mulher que amamenta filho ou filha de outra mulher.

(Luiz Fernando Veríssimo. *O melhor das comédias da vida privada*. Rio de Janeiro: Objetiva. © Luiz Fernando Veríssimo.)

Estudo do texto

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

1. Observe que todo o texto é construído em forma de diálogo, isto é, ele reproduz diretamente as falas das personagens, sem intromissão do narrador. Que efeito esse recurso provoca no texto?

2. A patroa conversa com a empregada.

- Em que lugar ocorre a conversa?
- O que Geneci imaginava que a patroa fosse dizer?
- Pelo início da conversa, como você acha que tem sido a relação entre a patroa e a empregada até o momento? Por quê?

3. A patroa deseja participar do desfile da escola de samba de Geneci. Até então, a patroa tinha mostrado interesse pela escola de samba ou pelo carnaval? Justifique sua resposta.

4. Para convencer Geneci, a patroa utiliza vários argumentos. Veja:

- | | |
|---|---|
| • não quer ficar fora do carnaval | • pode pagar |
| • samba bem | • pode ajudar nas costuras, no transporte |
| • ela também é povo | • vai ter assunto o resto do ano |
| • arrepiava-se quando a escola de samba passa | • vai causar inveja nas amigas |
| • quer sentir o que o povo sente | |

- Quais desses itens são argumentos que visavam convencer Geneci?
- Quais deles revelam os motivos reais de a patroa querer participar do carnaval?

5. Para aproximar-se de Geneci e conseguir seu apoio, a patroa se diz parte do povo e afirma que sempre tratou a empregada de "igual para igual". Observe os pronomes de tratamento utilizados pelas duas.

- Com que pronome a patroa trata a empregada? E que pronome Geneci utiliza para dirigir-se à patroa?
- Essas formas de tratamento confirmam a suposta igualdade entre elas?

6. Além de abordar a questão da diferença social, o texto também faz referência à diferença étnica entre as personagens.

- Qual é a cor da patroa e da empregada?
- Para justificar que samba bem, a patroa diz "Até acho que tenho um pé na cozinha". O que ela quis dizer com isso?

A crônica e o retrato do cotidiano

O texto "Povo", de Luis Fernando Veríssimo, é uma crônica.

A crônica é um gênero que nasceu no jornal e está diretamente relacionado com os fatos cotidianos. Com seu olhar sensível e muitas vezes crítico e humorístico, o cronista flagra momentos do cotidiano e dá a eles uma nova significação. É impossível ver o mundo da mesma forma depois da leitura de uma boa crônica.



Livro02:



Capítulos 22 a 28

Ngunga é encaminhado para a Seção de outro comandante sem tempo de falar com Uassamba. De lá, caminha por 4 dias até a Seção do comandante Mavinga.

Ngunga é recebido como herói por Mavinga e pela população. Mavinga o convence a voltar a estudar. Ngunga concorda, mas, antes, quer voltar à aldeia de Uassamba.

Ngunga e Mavinga chegam à aldeia de Uassamba.

Leia a seguir o que acontece entre Ngunga e Uassamba nos três últimos capítulos do romance.

Leitura**Ngunga e Uassamba**

Pepetela

Capítulo 26

Chegaram ao kimbo de Uassamba quando já o Sol estava no meio-dia. Foram recebidos muito bem, por causa de Mavinga, mas também por causa de Ngunga, que já era conhecido. A rapariga bonita não aparecia. Vinham outras cumprimentá-los, trazer-lhes água, comida. Mas ela não.

– Qual é, então? segredava Mavinga ao pioneiro.

– Ainda não veio.

O chefe do kimbo chamava-se Chipoya. Era secretário do Comitê de Ação. Ngunga tinha vontade de lhe perguntar da rapariga, mas não tinha coragem.

Finalmente ela apareceu. O Mundo deixou de existir, os barulhos dos pássaros pararam, as moscas desapareceram, as cores das borboletas da mata morreram. Só ela existia, viva, à sua frente. Ngunga tremia e não sabia o que fazer, o que falar, para lhe responder ao cumprimento. Uassamba estava ajoelhada aos seus pés, batendo palmas, e Ngunga dominava o Mundo.

Mavinga compreendeu logo que era ela a rapariga dos sonhos de Ngunga. No meio da conversa com os mais velhos, o Comandante disse a Ngunga:

– Vai ter com ela.

– Como?

– Faz-lhe um sinal e vai para a mata.

Uassamba estava perto das mulheres e olhava para Ngunga. O pioneiro não aguentava os olhos dela. Depois ela levantou-se, foi buscar uma bacia e saiu do kimbo, a caminho do rio. Mavinga, atento, deu uma cotovelada nas costelas de Ngunga. Este levantou-se, pediu desculpa, e entrou na mata, do lado contrário ao caminho para o rio. Correu, deu a volta ao kimbo,



kimbo: povoado.

continuou pela mata e chegou ao caminho. Ela vinha um pouco atrás. Ele esperou e, quando a rapariga chegou perto dele, falou-lhe:

– Como te chamas?

– Uassamba.

– Queria falar contigo. Da outra vez, quando fui à Seção, quis voltar aqui, mas não foi possível...

Ela riu.

– Eu sei. O Comandante até ralhou comigo – ela ria baixinho, os olhos no chão.

– Sim. Queria ver-te, falar-te...

– Falar o quê?

Ngunga olhou para ela, admirado, pensativo. Falar o quê? Mas não se estava mesmo a ver? Não conseguiu responder. Perguntou:

– Vais ao rio? Vou contigo.

– Não – disse Uassamba. – Podem ver-nos e o meu marido é muito ciumento.

– O teu marido?

– Sim, o Chipoya. Não sabias?

O Mundo caiu em cima da cabeça do rapaz. Nem no combate, quando a última bazukada destruiu a trincheira, ficara assim tão atordoado. Gaguejou:

– Mas... aquele velho?

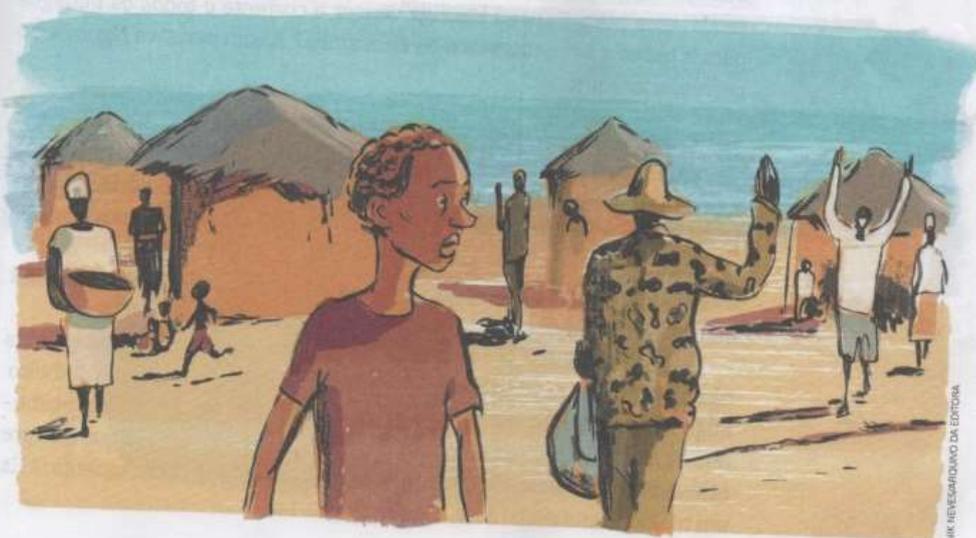
Uassamba viu a tristeza de Ngunga. Também ela estava triste, só que Ngunga não reparava nas lágrimas brilhando nos olhos de gazela. Ela disse, baixo:

– Casei há dois meses. Sou a quarta mulher dele.

– Mas... tu gostas dele? Daquele velho?

A Z

bazukada: tiro de bazuka, que é uma arma antitanque.



A Z

alambamento: pagamento feito pelo noivo aos pais da noiva como prêmio pelas virtudes dela e da família.

lavra: terreno para plantação.

quinda: cesta cilíndrica e sem tampa, feita de casca de árvore.

fuba: fubá.

chinjangulla: dança de roda dos povos africanos mbunda e laxaze.

miúdo: criança, menino.

– Pagou o alambamento. A minha família quis, ele é secretário, tem muitas lavras... Não, não gosto dele. É velho, é feio, é mau. Antes eu brincava com as outras, ia dançar. Agora não posso, ele não deixa, manda sempre uma mulher vigiar-me. Só posso ir ao rio buscar água. Nem às lavras vou, tenho de ficar com ele no kimbo, todo o dia.

Ngunga encostou-se a uma árvore. Por que o Mundo era assim? Tudo o que era bonito, bom, era oprimido, esmagado pelo que era mau e feio. Não, não podia. Uassamba, tão nova, tão bonita com aquele velho? Lá por que ele a comprara à família? Como um boi que se compra ou uma quinda de fuba?

– Tu vens comigo. Vamos fugir.

Ela não respondeu logo. Pensou, pensou, riscando a areia com o pé.

– Como vamos viver? perguntou ela.

– Eu não vivi até aqui? Viveremos os dois da mesma maneira.

– Não posso. Não, não posso – disse ela. – A minha família já gastou o alambamento. Depois terão de o devolver. Os meus pais são velhos, nunca poderão arranjar o dinheiro.

Ngunga não era uma pessoa para abandonar assim uma ideia. Pegou-lhe na mão e disse:

– Logo à noite vai haver chinjangulla. Vamos falar então.

Ela sorriu-lhe. Mas era um sorriso triste. Os olhos dela pareciam os de gazela ferida de morte. E partiu para o rio. Ngunga ficou a vê-la andar, a tristeza misturando-se à alegria, pois afinal ela não o recusava.

Havia um rio entre ele e Uassamba. Um rio enorme, cheio de jacarés e cobras venenosas. Ele tinha sede, muita sede, e a água do rio não podia ser bebida. Na outra margem, Uassamba estendia-lhe a mão em concha, contendo água pura. Poderia Ngunga vencer a corrente e todos os inimigos para ir beber a água nas mãos de Uassamba? Assim pensava Ngunga, ao regressar ao kimbo.

Capítulo 27

Quando chegou ao kimbo, aproximou-se de Mavinga. Este notou que não era o mesmo Ngunga que conhecia. Parecia mais velho, sério, preocupado. O Comandante pediu desculpa aos outros e afastou-se com o rapaz.

– Então?

Ngunga contou-lhe tudo. Falou-lhe também do seu projeto de fugir com ela. O Comandante fez ar zangado:

– Estás maluco ou o quê? Se ela é casada, pronto, não penses mais nisso. Como vais pagar o alambamento? Nunca hás-de arranjar o dinheiro. Fugir é muito bonito. Mas depois serão os pais dela a pagar o que receberam. E, além disso, se foges com ela, como vão viver? Tu dizes que sempre assim viveste. Mas ela? Não pensas nela? Julgas que pode aguentar? És um miúdo e tens de estudar. É isso que vais fazer.



Unidade 1 • Histórias em fôco: mito e romance

Ngunga não estava convencido. A resposta do Comandante era justa, sentia-o. Mas então ia deixar ficar Uassamba com o velho? Mavinga continuou:

– Ouve, Ngunga. Se fosse o União, talvez te falasse melhor mas diria o mesmo que eu. Na vida, nem sempre se pode fazer aquilo que se deseja. Devemos saber sempre aquilo de que somos capazes. E, quando vemos que não conseguimos uma coisa que está acima das nossas forças, devemos desistir. Não é vergonha retirar se estamos sós contra vinte inimigos. Tu és muito novo. Queres lutar para melhorar a vida de todos. Para isso, tens de estudar. Com Uassamba, não o poderás fazer. Serás homem casado, terás de trabalhar para lhe dar de comer, Nem luta nem estudo, nada. So Uassamba. Até quando?

Que diria União? O mesmo que Mavinga, certamente:

Oh, este Mundo está todo errado! Nunca se pode fazer o que se quer!

– Hei-de lutar para acabar com a compra das mulheres – gritou Ngunga raivoso. – Não são bois!

– Para isso precisas de estudar. Eu não sei sobre o alambamento. Sempre se fez, os meus avós ensinaram-me isso. Mas, se achas que está mal e que é preciso acabar com ele, então deves estudar. Como aceitarão o que dizes, se fores um ignorante como nós?

Mavinga foi ter com os mais velhos. Ngunga ficou a olhar o velho Chipoya, muito vaidoso ao lado do Comandante. Igual ao Kafuxi. Uns exploradores todos eles, e nomeados pelo Movimento para dirigir o povo.

Se o velho morresse... Afastou o pensamento. Não, isso não podia. O velho não era um colonialista, não era um vendido ao inimigo, não era um criado do tuga. Não, isso não. E Ngunga teve vergonha de o ter pensado. Era Uassamba que lhe dava esses maus pensamentos. Não, ela não tinha culpa. Era o Mundo com as suas leis estúpidas.



tuga: termo depreciativo para designar os portugueses.

Mais uma vez, Ngunga jurou que tinha de mudar o Mundo. Mesmo que, para isso, tivesse de abandonar tudo do que gostava.

Capítulo 28

Começou a chinjanguila. Todos lá estavam, povo, guerrilheiros, responsáveis. Dos kimbos vizinhos tinham vindo cumprimentar o Comandante Mavinga. Chipoya também assistia, sentado numa cadeira. Estavam lá todos, menos Uassamba.

Ngunga saiu dali, ajudado pela noite e pela confusão, e voltou ao kimbo. Uassamba esperava-o. Meteram-se na mata, iluminados pela Lua cheia. Sentaram-se num tronco caído e ele pegou-lhe na mão. Ficaram assim calados, durante muito tempo, sentindo só o calor da mão do outro. Ngunga já não estava inquieto. Estava calmo, como quando chegava o momento de fazer o que era necessário fazer. Ela falou primeiro:

– Ngunga? Estive a pensar no que me disseste. Não pensaste bem. Não posso fugir contigo, embora gostasse. Os meus pais vão ter de pagar o alambamento que receberam, e eles são velhos. Não lhes posso fazer isso...

– Ora, tens pena deles? Não te venderam a um velho? É bem feito para eles. Se gostassem de ti, como bons pais, deixavam-te escolher o marido, não te obrigavam a...

– É o costume, Ngunga! Eles pensam que fazem bem. Eu não posso fazer-lhes isso.

Ele não respondeu. Tinha vontade de gritar, de insultar o Chipoya, os pais de Uassamba, os velhos que defendiam os costumes cruéis, os novos que não tinham coragem de os destruir. A voz dela era doce, a acariciá-lo. O nome dele tornava-se mel na boca dela:

– Ngunga? Tu és novo demais para te casares. Seria mau para ti. Agora seria bom, mas, mais tarde, ias arrepender-te. Também não te posso fa-



zer isso. Temos a mesma idade, mas eu sou mais velha. Devo ver o que é bom e o que é mau para ti. Gostava de ir, é verdade. Mas não posso. Tu partirás, verás outras coisas, outras terras, outras raparigas. O pior é para mim, que fico aqui a aturar o Chipoya. Entre nós os dois, sou a mais infeliz, podes ter a certeza.

Não valia a pena falar mais. Tudo já estava decidido. Ele ainda era fraco para combater contra todos e mais as leis dos avós. O rio era largo demais, a corrente muito forte, os jacarés esfomeados. Ngunga estava nu, sem uma arma, enfraquecido pela sede. Não podia enfrentar o inimigo. Mavinga dissera que não era vergonha retirar...

– Que vais fazer? – perguntou Uassamba.

– Vou para uma escola.

Calaram-se. As palavras não tinham sentido, Ngunga sempre desconfiara das palavras. Sobre tudo em certos momentos.

O tempo passou sem que dessem conta. A chinjanguila continuava. A noite escondia-os, só o luar vinha espiá-los, passando entre os ramos das árvores.

De repente, Ngunga falou:

– Mudei muito agora, sinto que já não sou o mesmo. Por isso mudarei também de nome. Não quero que as pessoas saibam quem eu fui.

– Nem eu?

– Tu podes saber. Só tu! Se um dia quiseres, podes avisar-me para eu vir buscar-te. Escolhe o meu novo nome.

Uassamba pensou, pensou, apertando-lhe a mão. Encostou a boca ao ouvido dele e pronunciou uma palavra. Mas fê-lo tão baixinho que o barulho da chinjanguila a cobriu e só Ngunga pôde perceber. Nem as árvores, nem as borboletas noturnas, nem os pássaros adormecidos, nem mesmo o vento fraquinho, puderam ouvir para depois nos dizer.

Ngunga só se despediu de Mavinga. Explicou-lhe por que queria ir secretamente. Pediu-lhe para não contar a ninguém aonde ia e não voltar a falar de Ngunga, que tinha morrido nessa noite inesquecível. E não revelou o seu novo nome ao Comandante.

Partiu sozinho para a escola.

Um homem tinha nascido dentro do pequeno Ngunga.

PEPETELA. *As aventuras de Ngunga*. 6. ed. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1988. p. 74-81.



MARCELO LOPES/ALTA BARRERA

Artur Carlos Pestana dos Santos, dito **Pepetela**, nasceu em Angola, em 1941. Em 1969, integrou o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), criado em 1954, no qual lutou até 1975, quando Angola conquistou sua independência política, depois de quase quinhentos anos de dominação portuguesa.



PEPETELA UNÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS





Atenção!
Não escreva no livro!
Faça os exercícios no
caderno.

●● Interpretação do texto

Compreensão

Os capítulos que você leu narram as emoções de um amor entre jovens e o grande desafio, que precisam enfrentar, de tomar uma decisão que pode transformar a vida de ambos.

1. Copie a frase no caderno, completando-a com a alternativa correta:

Quem narra a história do romance *As aventuras de Ngunga* é ■

- a) Uassamba.
- b) Ngunga.
- c) o narrador-personagem (1ª pessoa).
- d) um narrador observador (3ª pessoa).

2. Nos capítulos lidos, os diálogos entre os jovens Ngunga e Uassamba ocorrem em dois momentos.

- a) O que acontece durante o primeiro diálogo que deixa Ngunga atordoado, sentindo que o mundo caíra em sua cabeça?
- b) Como estava Ngunga durante o segundo diálogo entre ele e Uassamba? Transcreva do texto o trecho que confirma a sua resposta.
- c) Qual o motivo de Ngunga ter se sentido assim durante o início do segundo diálogo com Uassamba?

3. Entre um diálogo e outro com Uassamba, Ngunga conversa com Mavinga, o Comandante. Releia a fala de Mavinga:

“- Ouve, Ngunga. Se fosse o União, talvez te falasse melhor mas diria o mesmo que eu. Na vida, nem sempre se pode fazer aquilo que se deseja. Devemos saber sempre aquilo de que somos capazes. E, quando vemos que não conseguimos uma coisa que está acima das nossas forças, devemos desistir. Não é vergonha retirar se estamos sós contra vinte inimigos. Tu és muito novo. Queres lutar para melhorar a vida de todos. Para isso, tens de estudar. Com Uassamba, não o poderás fazer. Serás homem casado, terás de trabalhar para lhe dar de comer. Nem luta nem estudo, nada. Só Uassamba. Até quando?”



Copie no caderno o argumento de Mavinga que, na sua opinião, foi decisivo para convencer Ngunga a desistir de fazer o que desejava: fugir com Uassamba. Explique sua escolha.

4. No texto, a situação de Uassamba é determinada por um costume de sua cultura que causa grande indignação em Ngunga.
 - a) Qual é esse costume?
 - b) Copie do texto a fala de Ngunga que mostra sua indignação contra esse costume.
 - c) Com o que Ngunga compara esse costume?
5. Uassamba incentiva Ngunga a partir. Que traços de sua personalidade se revelam nessa atitude?
6. Ao se despedir de Uassamba, Ngunga diz:

“– Mudei muito agora, sinto que já não sou o mesmo. Por isso mudarei também o nome. Não quero que as pessoas saibam quem eu fui.”

Qual a razão de Ngunga ter dito isso? Explique com suas palavras.
7. Ao escolher um nome para Ngunga, Uassamba disse-o tão baixo que só ele pôde ouvir.
 - a) Por que Uassamba agiu assim?
 - b) Que nome você imagina que Uassamba deu a Ngunga? Explique.
8. A história termina sem que o leitor conheça o novo nome de Ngunga. Qual a provável intenção de o autor não revelar para o leitor o nome escolhido?

Construção do texto

Romance: narrativa de longa duração

O texto que você leu neste capítulo reúne três dos vinte e nove capítulos que compõem o romance *As aventuras de Ngunga*, uma narrativa de longa duração.

Elementos da narrativa

Toda narrativa é estruturada pelos seguintes elementos: personagem, ação/enredo, espaço, tempo e narrador. No romance, narrativa de longa duração, cada capítulo é uma unidade narrativa, isto é, é possível identificar os elementos da narrativa em cada um dos capítulos.

Observe:

Elementos da narrativa	Capítulo 26 do romance <i>As aventuras de Ngunga</i>
Personagens	Ngunga; Uassamba; Mavinga; Chipoya.
Ações/enredo	Ngunga chega ao kimbo com Mavinga e consegue conversar com Uassamba. Revolta-se contra o alambamento de Uassamba por Chipoya e propõe fugir com ela; Uassamba mostra ser isso impossível mas parece concordar em conversar com Ngunga mais tarde.
Espaço	Kimbo do chefe Chipoya.
Tempo	O período de uma tarde.
Narrador	Em 3ª pessoa.

1. Agora, faça um quadro parecido em seu caderno e preencha-o com os elementos da narrativa dos capítulos 27 e 28.
2. Compare os elementos da narrativa anotados nos três quadros. Qual ou quais elementos da narrativa se repetem nos três capítulos?

Momentos da narrativa/enredo

Além dos elementos, a narrativa é estruturada pelos momentos que se sucedem no tempo e no espaço: situação inicial, conflito, clímax do conflito e desfecho.

Confira esses momentos no trecho narrativo de Ngunga e Uassamba:

Momentos da narrativa/enredo	Ngunga e Uassamba
Situação Inicial	Ngunga se encontra com Uassamba no kimbo
Conflito	Ngunga se revolta contra o alambamento
Clímax do conflito	Ngunga fica revoltado; reencontra Uassamba à noite no kimbo
Desfecho	Uassamba convence Ngunga a partir sem ela

Sequências textuais

Todo texto desenvolve-se em torno de um tema ou **assunto específico**. Além disso, todo texto também atende a uma intenção de quem o produz. Há sempre uma intenção comunicativa. Para dar conta desses aspectos, cada autor opta por um modo de organizar a linguagem do texto. Ele pode empregar trechos narrativos ou combiná-los com outros tipos de trechos: o descritivo, o conversacional, o argumentativo... Esses trechos são chamados de **sequências textuais**, pois são ocorrências dentro de um mesmo texto, de um mesmo parágrafo... Vamos ver como isso pode ocorrer.

Sequência narrativa e sequência descritiva

Observe como foram utilizadas as sequências narrativa e descritiva em "Ngunga e Uassamba" no parágrafo em que o narrador compara a impossibilidade do amor entre os dois com um enorme rio (as sequências em vermelho são narrativas e a sequência em azul é descritiva):

Não valia a pena falar mais. Tudo já estava decidido. Ele ainda era fraco para combater contra todos e mais as leis dos avós. O rio era largo demais, a corrente muito forte, os jacarés esfomeados. Ngunga estava nu, sem uma arma, enfraquecido pela sede. Não podia enfrentar o inimigo. Mavinga dissera que não era vergonha retirar.



1. Copie em seu caderno a alternativa mais adequada. Na sequência descritiva predomina:

- ordem temporal dos fatos;
- caracterização dos seres.

2. Localize nos capítulos do romance outro trecho que apresente uma sequência em que há predominância do descritivo.

Nesses capítulos do romance, é possível afirmar, em um primeiro momento, que o autor utilizou tanto sequências narrativas quanto sequências descritivas na forma de organização textual.

As **sequências narrativas** apresentam fatos ou ações em ordem temporal (há uma relação de **anterioridade** e de **posterioridade** entre os fatos ou ações apresentados).

As **sequências descritivas** apresentam a caracterização de seres; objetos, pessoas, espaços, situações... Esse tipo de sequência se organiza pela **simultaneidade**, isto é, não há uma relação de anterioridade e de posterioridade entre os aspectos descritos.

Sequências conversacionais

Nos capítulos que você leu, além das sequências narrativas e descritivas, há diálogos entre Ngunga e Mavinga e entre Ngunga e Uassamba.

O registro do diálogo em textos compõe outro tipo de sequência, chamado de **sequência conversacional**. Na sequência conversacional, as falas das personagens são apresentadas ao leitor diretamente. São registrados os **turnos de fala**, isto é, ora a fala de uma personagem, ora a fala de outra.

Reproduzimos um trecho do diálogo entre Ngunga e Uassamba. No texto, também é bastante explorada a sequência conversacional para a apresentação das personagens. Leia:

- Vais ao rio? Vou contigo.
 – Não – disse Uassamba. – Podem ver-nos e o meu marido é muito ciumento.
 – O teu marido?
 – Sim, o Chipoya. Não sabias?"



Concluindo, podemos afirmar que esses capítulos do romance *As aventuras de Ngunga* estão organizados com a combinação de **três tipos de sequência: narrativa, descritiva e conversacional**, com predominância da sequência narrativa, por se tratar de um gênero do narrar.



Atividades: sequências textuais

1. Identifique e escreva o tipo de sequência que predomina nos textos a seguir: narrativa, descritiva ou conversacional.



FABIO COLOMBRINI/ACERVO DO FOTOGRAFIO

Cachoeira Vêu da Nolva, Serra do Cipó, MG.

TARSILA DO AMARAL/COLEÇÃO PARTICULAR. BIENOS AERES. ARRETRANCEIRO POR TARSILA. EDUCAÇÃO WWW.TARSILADAMARAL.COM.BR



Abaporu, de Tarsila do Amaral.

- b) Tarsila do Amaral pintou o *Abaporu* em 1928 para fazer uma surpresa de aniversário ao marido, o escritor Oswald de Andrade. Só que ela não imaginava a polêmica que essa obra provocaria entre os artistas da época e nem que sua obra provocaria grandes mudanças na arte brasileira de nosso século.

BRAGA, Ângela. *Tarsila do Amaral*. São Paulo: Moderna, 1998, p. 3. (Coleção Mestres das Artes no Brasil).

c)

Cidadezinha qualquer

Carlos Drummond de Andrade

Casas entre bananeiras,
mulheres entre laranjeiras,
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar
Um cachorro vai devagar
Um burro vai devagar

Devagar... as janelas olham

Eta vida besta, meu Deus.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1973, p. 67.



d)

Altos e baixos

José Paulo Paes

Um homem apaixonado pelo céu andava o tempo todo de rosto para cima, a contemplar as mutáveis configurações das nuvens e o brilho distante das estrelas.

Nesse embevecimento, não viu uma trave contra a qual topou violentamente com a testa. Um amigo zombou da sua distração, dizendo que quem só quer ver estrelas acaba vendo as estrelas que não quer.

Espírito providente, esse amigo vivia de olhos postos no chão, atento a cada acidente do caminho. Por isso não pôde ter sequer um vislumbre da maravilhosa fulguração do meteoro que um dia lhe esmagou a cabeça.

PAES, José Paulo. *Socráticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 64.

2. A notícia é o relato de um fato. Nela predomina, portanto, a sequência narrativa. Entretanto, o autor, dependendo de suas intenções, pode utilizar também outras sequências discursivas.

Na notícia seguinte, os parágrafos foram numerados.

Prédio vira armadilha

Ricardo Westn
Da sucursal de Brasília

1 Revestida por mais de 4 000 espelhos, a sede da Procuradoria Geral da República reflete as nuvens e o azul do céu de Brasília, mas esconde uma armadilha mortal para os pássaros em voo.

2 Apesar da suntuosidade projetada por Oscar Niemeyer, as aves não conseguem enxergar os dois blocos cilíndricos de 30 metros de altura e continuam voando como se não existisse obstáculo à frente.

3 "É como uma pessoa distraída que bate de cara numa parede de vidro", compara o biólogo Carlos Correia, técnico da câmara temática da Procuradoria especializada em meio ambiente. "A diferença é que a colisão dos pássaros costuma ser fatal."

4 Quem primeiro percebeu a armadilha arquitetônica foram os jardineiros, que já nos dias seguintes à inauguração do prédio, em agosto de 2002, encontraram no gramado os primeiros pássaros mortos. As maiores vítimas são os pombos e os beija-flores.

5 Como as mortes continuaram – quatro aves chegaram a ser recolhidas num único dia –, a Procuradoria contratou a UnB (Universidade de Brasília) em meados do ano passado para estudar o problema. O trabalho ainda está na fase inicial, que consiste em saber quantas aves já morreram, quais espécies são mais vulneráveis e sob que condições (período do dia, época do ano e situação atmosférica) ocorrem mais colisões. A pesquisa deve ser concluída em julho deste ano.

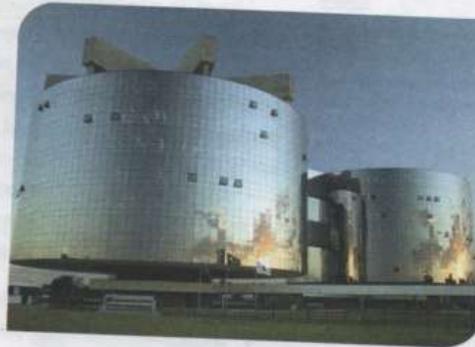
Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 jan. 2005.

Identifique a sequência **predominante** nos parágrafos 1, 2, 4 e 5.



NR NEVES/ARQUIVO DA EDITORA

Unidade 1 • Histórias em foco: mito e romance



BÉRGIO LIMA/FOLHA IMAGEM



SCHULZ, Charles M. Minduim. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 23 dez. 2004.

E você, já tentou imaginar a pessoa dos seus sonhos? Faça uma pequena descrição de como essa pessoa seria. Você poderá ler o seu texto para os colegas e ouvir o deles.

Linguagem do texto

Diferenças de modo de uso da língua portuguesa

A Z
línguas nativas: línguas faladas na região antes da colonização portuguesa.

Você deve ter notado que o português empregado em "Ngunga e Uassamba" é, em alguns casos, diferente do português do Brasil. O livro *As aventuras de Ngunga* foi escrito em Angola, país situado no centro-sul da África. A faixa costeira desse país foi colonizada pelos portugueses no século XVI. Por isso, apesar das línguas nativas, o português é ainda a língua oficial, mesmo depois de o país ter se libertado de Portugal, em 1975.

Apesar da semelhança com a língua portuguesa falada no Brasil, os modos de organização da língua portuguesa de Angola a aproximam mais da que é falada em Portugal. Observe algumas diferenças:

A – Construções com infinitivo ou com gerúndio

1. Releia:

"– Ngunga? **Estive a pensar** no que me disseste. Não pensaste bem. Não posso fugir contigo, embora gostasse. Os meus pais vão ter de pagar o alambamento que receberam, e eles são velhos. Não lhes posso fazer isso [...]"

No Brasil, como ficaria a construção *estive a pensar*?

B – Emprego dos pronomes oblíquos

Entre Brasil e Portugal há algumas diferenças no emprego dos pronomes oblíquos. Em Portugal e Angola, a tendência é utilizá-los depois do verbo:

Se um dia quiseres, podes avisar **-me** para eu vir buscar **-te**.

2. Reescreva essa frase utilizando os pronomes da maneira que você os emprega usualmente.

C – Tratamento em 2ª/ 3ª pessoa

Na linguagem dos diálogos observa-se o uso do tratamento na 2ª pessoa do singular (*tu*) como também acontece em algumas regiões do Brasil.

3. Reescreva o diálogo a seguir entre Ngunga e Uassamba mudando o tratamento para a 3ª pessoa do singular.

– Como te chamas?

– Uassamba.

– Queria falar contigo. Da outra vez, quando fui à Seção, quis voltar aqui, mas não foi possível.

– Eu sei. O Comandante até ralhou contigo – ela ria baixinho, os olhos no chão.

– Sim. Queria ver-te, falar-te..."



4. Reescreva esse diálogo da forma como aconteceria entre dois jovens apaixonados nos dias de hoje. Mostre seu texto a um colega e leia o que ele escreveu. São iguais ou diferentes?

D – Diferenças de vocabulário

Algumas diferenças acontecem também no vocabulário. Por exemplo, no texto, o comandante, para dizer a Ngunga que ele é um menino ainda, usa a palavra *miúdo*:

"És um miúdo e tens de estudar."

5. Nas diversas regiões do Brasil, há diferentes palavras para dizer *menino*. Qual é a palavra mais empregada na sua região?

Modos de citação do discurso de outros

Discurso direto

Releia este trecho do capítulo 26:

"Ele esperou e, quando a rapariga chegou perto dele, falou-lhe:

– Como te chamas?

– Uassamba."



A incrível batalha contra os moinhos de vento

Miguel de Cervantes

Depois de cavalgarem algumas horas, chegaram a um grande campo, onde se viam entre trinta e quarenta moinhos de vento.

– A sorte vem-nos guiando melhor do que poderíamos desejar – disse Dom Quixote, segurando seu cavalo. – Vê, meu fiel Sancho: diante de nós estão mais de trinta insolentes gigantes a quem penso dar combate e matar um por um. Com seus despojos iniciaremos nossa riqueza, além de arrancar essas sementes ruins da face da terra. Essa é a ordem de Deus que devemos cumprir.

– Que gigantes? – perguntou Sancho Pança, que por mais que examinasse o terreno só via os inocentes moinhos de vento agitando suas pás vagarosamente.

– Aqueles que ali vês – respondeu o amo. – Têm os braços tão longos que alguns devem medir mais de duas léguas...

– Olhe bem, Vossa Mercê – contestou Sancho – Aquilo não são gigantes e sim moinhos de ventos, e o que parecem braços são as pás que, movidas pelo vento, fazem girar a pedra que mói os grãos.

– Bem se vê que não tens prática nessas aventuras. São gigantes e, se tens medo, afasta-te daqui. O melhor é que fiques rezando enquanto me atiro a essa feroz e desigual batalha.

E, dizendo isso, esporeou o pângarê sem atender aos apelos do escudeiro, certo de que combatia ferozes gigantes.

– Não fujais, covardes e abjetas criaturas! Sois atacadas por somente um cavaleiro!

Enquanto galopava contra o primeiro moinho, o vento aumentou de intensidade fazendo girar as pás com mais velocidade.

– Não adianta agitar os braços. Havereis de me pagar! – gritou, atirando-se contra o “inimigo” mais próximo, encomendando-se de todo o coração à sua senhora Dulcineia.

Foi a conta. Ao cravar a lança numa das pás do moinho, a força do impacto reduziu-a a pedaços, atirando cavalo e cavaleiro a distância. Sancho Pança acorreu em socorro, seu alquebrado jumento tropejando grotescamente.

– Valha-me Deus! – disse Sancho. – Não vos avisei que olhásseis bem para o que íeis fazer? Que eram moinhos e não gigantes? Como é que alguém pode-se enganar assim?

Enquanto ia falando, o gordo escudeiro tentava levantar tanto o cavaleiro quanto o cavalo, pois o velho Rocinante continuava atordoado pela violência da pancada.

- Identifique o tipo de discurso que ocorre nos trechos sublinhados: discurso direto, discurso indireto ou discurso indireto livre.

- a) "Ngunga olhou para ela, admirado, pensativo. Falar o quê? Mas não se estava mesmo a ver?"
- b) "– Não – disse Uassamba. – Podem ver-nos e o meu marido é muito ciumento."
- c) "O Comandante pediu desculpa aos outros e afastou-se com o rapaz.
– Então?
Ngunga contou-lhe tudo. Falou-lhe também do seu projeto de fugir com ela."
- d) "Ngunga só se despediu de Mavinga. Explicou-lhe por que queria ir secretamente. Pediu-lhe para não contar a ninguém onde ia e não voltar a falar de Ngunga, que tinha morrido nessa noite inesquecível. E não revelou o seu novo nome ao Comandante."

Transformação de discurso direto em discurso indireto

Observe como fica a mudança do discurso direto para o discurso indireto:

Discurso direto	Discurso indireto	Principais mudanças ocorridas no discurso indireto
"– Não – disse Uassamba. – Podem ver-nos e o meu marido é muito ciumento."	Uassamba disse que não. Poderiam vê-los e o marido dela era muito ciumento.	1. Acréscimo da conjunção <i>que</i> . 2. Mudança das formas verbais. 3. Mudança dos pronomes.
"– Queria falar contigo. Da outra vez, quando fui à Seção, quis voltar aqui, mas não foi possível..."	Ele disse que queria falar com ela, que da outra vez, quando fora à Seção, tinha querido voltar lá, mas não fora possível...	1. Acréscimo de um verbo de dizer (<i>perguntar</i>). 2. Acréscimo da conjunção <i>que</i> . 3. Mudança das formas verbais. 4. Mudança dos pronomes. 5. Mudança do advérbio.
"– Tu vens comigo. Vamos fugir."	(Ngunga) disse que ela fosse com ele, que iriam fugir.	1. Acréscimo de um verbo de dizer (<i>dizer</i>). 2. Acréscimo da conjunção <i>que</i> . 3. Mudança das formas verbais. 4. Mudança dos pronomes.

Além dessas mudanças, às vezes é necessário alterar advérbios e outros pronomes. Por exemplo:

- I. Disse o poeta apaixonado à sua musa:
– Quando estou **aqui** com você, esqueço-me de tudo o mais. (discurso direto)
- II. O poeta apaixonado disse à sua musa que, quando estava **ali** com ela, esquecia-se de tudo o mais. (discurso indireto)

O advérbio *aqui* indica o lugar em que se encontra a pessoa que fala. No discurso indireto, é preciso usar o advérbio *ali* para fazer referência a esse lugar em que se encontra a pessoa de quem se fala.



●● Prática de oralidade

Um bom debate

Homens e mulheres têm direitos iguais: isso é uma realidade?

No dia 8 de março comemora-se o Dia Internacional da Mulher. Escolheu-se essa data em homenagem às operárias que, em 8 de março de 1908, morreram carbonizadas em uma fábrica de Nova Iorque quando reivindicavam melhores condições de trabalho.

Na década de 1960, o movimento feminista denunciou a situação de desigualdade entre os sexos. No mundo inteiro, as mulheres passaram a lutar para ter os mesmos direitos que os homens em todas as áreas de atividade.

No romance *As Aventuras de Ngunga*, a mulher é submetida a uma situação de inferioridade em relação ao homem pois se submete à vontade dos pais, que, em troca de um dote, dão-na por esposa a um homem bem mais velho que ela.

Durante muito tempo a mulher foi considerada um ser inferior, que deveria ficar sob a **tutela** do pai, ou do marido, ou de um homem mais poderoso.

Essa situação começou a mudar com a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), cujo artigo 16 afirma:

"Homens e mulheres adultos, sem limitação de raça, nacionalidade ou religião, têm o direito de casar e de constituir uma família. Durante o casamento e à sua dissolução, ambos têm direitos iguais. O casamento só pode ser celebrado com o livre consentimento dos futuros esposos."

No Brasil, só a partir da Constituição de 1988 a mulher ganhou autonomia em relação ao marido e conquistou direitos iguais aos do homem.

■ Formem dois grupos.

O **grupo A** deverá:

- pesquisar regiões do mundo, circunstâncias e situações em que a mulher já alcançou direitos iguais aos do homem, isto é, tem a sua autonomia garantida;
- elaborar argumentos para defender a seguinte afirmação: "A mulher já alcançou direitos e autonomia iguais aos do homem".

O **grupo B** deverá:

- pesquisar regiões do mundo, circunstâncias e situações em que se percebe que ainda há discriminação da mulher ou sua submissão ao poder masculino;
- elaborar argumentos para defender a seguinte afirmação: "A mulher ainda é discriminada e submissa ao poder masculino".

A Z

tutela: amparo, proteção.

Outras linguagens



fidalgos: indivíduo que tem título de nobreza; nobre.

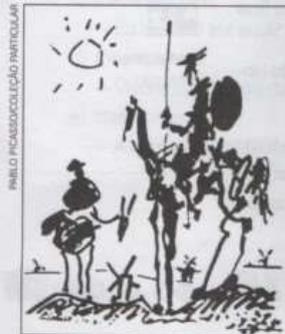
Dom Quixote de La Mancha é considerado o romance que consolidou esse gênero na literatura ocidental moderna.

A história do **fidalgos** espanhol que se perde na fantasia das aventuras dos cavaleiros da Idade Média e passa a vivê-las acompanhado do fiel escudeiro Sancho Pança é um dos romances mais traduzidos no mundo todo.

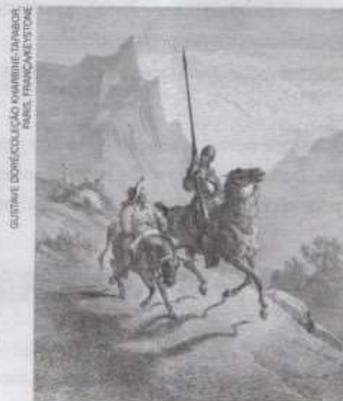


A história desse cavaleiro errante, apaixonado por Dulcinea, inspirou a criação de várias obras de arte em outras linguagens. Conheça algumas:

1. Gravura e pinturas



Pablo Picasso.



Gustave Doré.



Candido Portinari.



Salvador Dalí.

2. Música

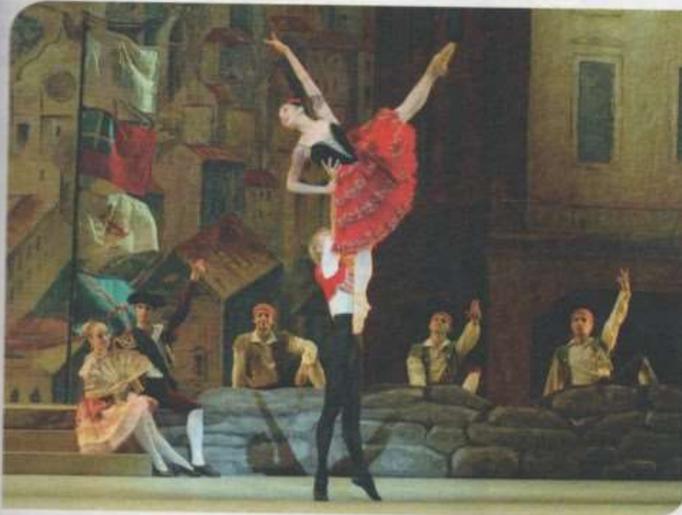
Introduction.

Mässiges Zeitmass. gläserlich und goldgl. poco rit.

FAC-SIMILARQUIVO DA EDITORA

Trecho da partitura de *Don Quixote*, composição de Richard Strauss, para violoncelo (representando Dom Quixote), viola (Sancho Pança) e orquestra.

3. Ópera e balé



Coreografia da companhia Ballet Bolshoi para *Don Quixote*.

Conexões

Você vai ler uma lista de palavras e um poema. Depois de ler, procure responder à pergunta: que relação você estabelece entre os textos e o romance *As aventuras de Ngunga*?

1. Países de língua portuguesa: diferenças de vocabulário

No texto "Ngunga e Uassamba", observamos algumas diferenças de construção entre o português de Angola e o português do Brasil. Há muitas diferenças no vocabulário entre os países de língua portuguesa. Diversas palavras e expressões empregadas em Portugal, por exemplo, soam estranhas para nós, brasileiros.

Leia as informações abaixo e comprove.

Em Portugal	No Brasil
Pai Natal	Papai Noel
Paragem de autocarro	Ponto de ônibus
Passadeira para peões	Faixa de pedestres
Pastilhas elásticas	Chiclete
Peão	Pedestre
Pequeno almoço	Café da manhã
Penso	Curativo
Penso higiénico	Absorvente íntimo
Peúgas	Meias
Pivete	Mau cheiro
Pontapé de canto	Escanteio
Poucoquinho	Pouquinho
Rua peatonal	Rua de pedestres

Disponível em: <<http://www.pitoresco.com/consultoria/variedades/29.htm>>. Acesso em: 8 fev. 2012.

No Brasil, a língua portuguesa incorporou inúmeras contribuições das línguas regionais faladas em Angola, principalmente do *kimbundu*. Essas línguas foram trazidas pelos angolanos na época da escravidão. São exemplos: *batuque, bobó, bunda, capanga, cará, catinga, curinga, dendê, gingar, minhoca, miçanga, mocambo, mocotó, moleque, quilombo, quitanda, samba, tanga, tarrafe, xingar* e muitas outras.

2. Poema

Leia um poema escrito por um angolano em homenagem ao seu continente:

Poema de amor

Jorge Macedo

Adoro-te, África semente,
amor profundo,
nobre fruto do meu eu vivente.
Adoro a calidez das tuas tranças,
manta preta do meu primeiro calafrio.

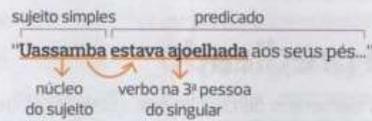
E o dorso largo em que dormi o sono
infantil
e acordei já homem feito

MACEDO, Jorge. In: *Poesia de Angola*.
República Popular de Angola, MEC, 1976.



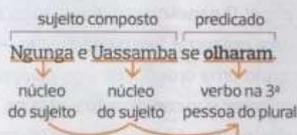
Tipos de sujeito

1 Sujeito simples



Nessa oração, o **sujeito** é **simples** porque há apenas um núcleo. O núcleo está na 3ª pessoa do singular (*Uassamba*); assim, o verbo concorda com o sujeito na 3ª pessoa do singular.

2 Sujeito composto

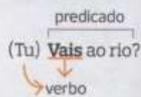


Nessa oração, o sujeito tem dois núcleos, isto é, a declaração feita no predicado refere-se a duas pessoas. Trata-se de um **sujeito composto**.

O verbo vai concordar com os dois núcleos: irá, portanto, para o plural.

3 Sujeito subentendido

Observe:



- Com qual termo o verbo dessa oração está concordando?

Esse sujeito que não está presente na oração, mas pode ser identificado por meio do verbo, é o **sujeito subentendido**.

Veja outro período:

"(Ngunga) Correu, deu a volta ao kímbo, continuou pela mata e chegou ao caminho."

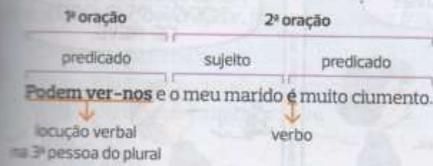
É um período com mais de uma oração. Todos os verbos desse período referem-se ao sujeito *Ngunga* – não presente na oração – e com ele concordam no singular. Pelo texto e pelos verbos, podemos identificar o sujeito a que esses verbos estão se referindo.

4 Sujeito indeterminado

Você estudou que o sujeito subentendido não está presente na oração, mas pode ser identificado, determinado pelas informações que o texto traz ou por meio do verbo.

Mas há casos em que a intenção é não deixar claro para o leitor quem é precisamente o sujeito da oração. Há um sujeito ao qual o verbo se refere, mas nem o contexto nem a forma verbal permitem que ele seja identificado.

Leia o período a seguir:



Na primeira oração, não é possível saber a quem a locução verbal *podem ver-nos* está se referindo.

Sabe-se apenas que *alguém pode ver* mas, pelas informações contidas no texto, não se pode identificar quem é o agente dessa ação.

Temos aí uma oração com **sujeito indeterminado**.

Na segunda oração, o verbo *é* refere-se ao sujeito *o meu marido*, que está presente na oração.

Há duas formas de deixar o sujeito indeterminado:

a) Uso do verbo na 3ª pessoa do plural, sem um antecedente no contexto:

Ligaram para casa hoje cedo e **deixaram** um recado para você.

Roubaram o depósito do supermercado e não **deixaram** pistas.

b) Uso do pronome ou partícula *se* junto com alguns tipos de verbo na 3ª pessoa do singular:

1ª oração	2ª oração
Nunca se pode fazer o que	que se quer !

Observe que nesse período não se determina a quem os verbos se referem. Não se identifica o agente das ações.

O que se pode notar é que um sujeito é responsável pelo que os verbos expressam, mas não se consegue determinar quem é com precisão. Veja outros exemplos:

Vive-se com mais qualidade em cidades pequenas.

Anda-se com bastante insegurança nos grandes centros urbanos.

Nessas orações, o *se* junto ao verbo tem a função de indeterminar o sujeito. Por isso, recebe o nome de **índice de indeterminação do sujeito**.

IMPORTANTE:

Nesses casos, a forma verbal estará sempre na 3ª pessoa do singular.

Nem sempre a partícula *se* funcionará como índice de indeterminação do sujeito. Em outros momentos de nossos estudos, você conhecerá casos em que ela desempenha funções diferentes.

Leia a tira na página a seguir e observe como, na fala, empregamos vários tipos de sujeito nas orações que construímos.



SCHULZ, Charles M. Minduim. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 dez. 2011, p. D6.

- O que fez o menino pensar que os flocos de neve foram gastos?
- No primeiro quadrinho, o verbo *sabia* refere-se a qual sujeito?
- E a locução verbal *ia acontecer*?
- Como se classificam os sujeitos da primeira fala?
- No terceiro quadrinho, foi empregado um tipo de sujeito que reforça a ideia da ingenuidade ou do desconhecimento do menino sobre o que aconteceu com os flocos de neve. Depois de localizar o verbo, indique que tipo de sujeito é esse.

5 Oração sem sujeito

Diz-se que uma oração é sem sujeito quando o predicado não pode ser atribuído a qualquer outro termo dessa oração. Isso, geralmente, ocorre com:

a) Orações com o verbo *haver*:

- no sentido de 'existir'

predicado
Havia um rio entre ele e Uassamba.
 ↓
 verbo *haver*
 no sentido de 'existir'
 ↓
 3ª pessoa do singular

predicado
 Logo à noite **vai haver** uma chijanguila.

predicado
Houve um tempo em que os mais idosos eram respeitados.

- quando indica tempo decorrido

Haverá dias em que você se sentirá muito desanimado.

Há muito tempo o povo espera leis mais justas.

Na linguagem coloquial, é comum usarmos o verbo *fazer* também para indicar tempo decorrido:

Faz muito tempo que trabalho nesta empresa.

Faz três anos que ele não visita os pais.

b) Orações com verbos ou expressões que indicam fenômenos da natureza, como *entardecer, nevar, gear, fazer calor, fazer frio, ventar, anoitecer, trovejar*:

Choveu muito neste verão.

Faz um frio fora do normal nesta época do ano.

Ventava fortemente durante o show.

IMPORTANTE:

Observe que, nesses casos de oração sem sujeito, o verbo somente pode ser conjugado na 3ª pessoa do singular. Trata-se de **verbo impessoal**.

c) Verbo *ser* indicando tempo e distância – nesse caso, o verbo pode ser empregado no plural:

É um quilômetro até minha casa.

São trezentos quilômetros até sua cidade.

Assim, podemos concluir que, nas orações sem sujeito, os verbos geralmente estão na 3ª pessoa do singular, com exceção do verbo *ser* nas indicações de **distância, hora e data**:

É um quilômetro de distância. / **São** cinco quilômetros de distância.

É uma hora. / **São** duas horas.

É primeiro de abril. / **São** vinte e cinco de dezembro.

■ Veja na tira a seguir o emprego de oração sem sujeito, mesmo na linguagem informal.



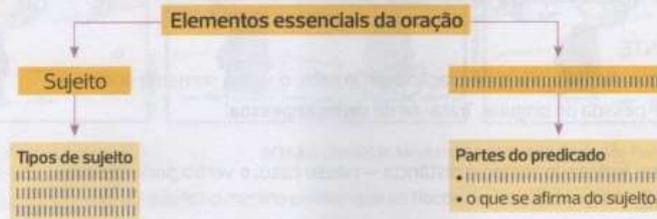
Laerte. *Classificados*. São Paulo: Devir, 2001, p. 45.

Agora, responda:

- No primeiro e segundo quadrinhos, os verbos *haver* e *fazer* estão sendo usados em orações sem sujeito. Explique por que essas orações são consideradas sem sujeito.
- No segundo quadrinho, a personagem diz: "Já faz uma sola!". Se ela estivesse se referindo às duas solas, como deveria falar?

📁 Hora de organizar o que estudamos

Complete o esquema no caderno com elementos que completem os quadros, de acordo com o que foi estudado:



Atividade: tipo de sujeito e relações de concordância

1. Releia um trecho do texto para responder às questões:

"**Devemos saber** sempre aquilo de que **somos** capazes. E, quando **vemos** que não **consequimos** uma coisa que está acima de nossas forças, **devemos desistir**. Não é vergonha retirar se **estamos** sós contra vinte inimigos."

- Qual é a pessoa dos verbos destacados nesse trecho?
- Qual é o sujeito a que esses verbos se referem?
- Por que o autor teria deixado o sujeito implícito nesses trechos?

A Z

subornar: dar dinheiro ou outros valores a alguém para conseguir vantagens.

2. Releia o trecho da música do cantor e compositor brasileiro Cazuza:

Não me convidaram
Pra essa festa pobre
[...]
Não me sortearam
A garota do "Fantástico"
Não me subornaram
Será que é o meu fim?
Ver TV a cores [...]
Programada pra só dizer "sim"

CAZUZA. Brasil. Intérprete: Cazuza. *Ideologia*. Rio de Janeiro: Universal Music Group, 1988. 1LP, lado A, faixa 6.



- Como se classifica o sujeito dos verbos sublinhados?
- Com que intenção esse tipo de sujeito teria sido usado no texto da música?

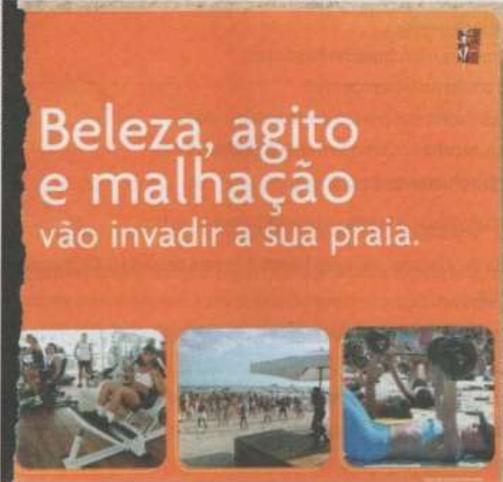
Compare as manchetes:

- I. Sobem para 29 número de vítimas do terremoto
- II. Número de vítimas do terremoto sobe para 29

Na primeira manchete, enfatiza-se o crescimento do número de vítimas colocando-se o sujeito depois do verbo. Na segunda, a ênfase fica no fato de haver vítimas. Note que, se a notícia da tragédia já foi dada e está sendo repetida em um outro momento, pode ser importante enfatizar a informação de que o número de vítimas subiu.

5. Leia agora este slogan de um anúncio publicitário:

REPRODUÇÃO PARCIAL DE FORTOLHA



Beleza, agito
e malhação
vão invadir a sua praia.

Reprodução parcial de anúncio publicado na revista *Ciúdio*, ano 45, nº 1. São Paulo: Abril, jan. 2006, p. 43.

- a) Suponha que o autor queira dar mais ênfase à ideia de invadir. Localize o sujeito da frase e reescreva-a com o sujeito posposto ao verbo.
 - b) Reescreva a frase do anúncio fazendo a concordância apenas com o núcleo mais próximo ao verbo.
6. Leia as frases e reescreva as que tiverem problemas de concordância:
- a) No interior de São Paulo, pai e filho é agredido na rua à luz do dia.
 - b) Falta apenas cinco dias para o início do campeonato de natação.
 - c) Chegaram ontem à nossa cidade uma companhia de circo muito numerosa.
 - d) Durante os jogos, haviam inúmeras pessoas sobre os muros que circundam o estádio.
 - e) Começou o mês de doações para as campanhas contra a fome.
7. Reescreva as frases colocando o sujeito posposto ao verbo. Faça as adequações de concordância necessárias.
- a) "Micos, araras, papagaios, besouros, borboletas e até formigas são levados da fauna brasileira sem autorização." (*Folha de S. Paulo*, 7 jan. 2003. Folhinha.)
 - b) O vento, as chuvas fortes e a ação do homem alteram as paisagens ao longo do tempo.

No seu caderno, copie os verbos numerados do texto seguinte e indique o sujeito a que cada um se refere. Indique também se for um verbo de oração sem sujeito.

Mulher de hoje!

Apesar de ter seus direitos garantidos pela Constituição, a mulher brasileira **sabe** (1) **que** **há** (2) muito a conquistar.

Só para se ter ideia da importância das mulheres, basta saber que elas **representam** (3) **cerca de** (4) a metade da população brasileira. De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais (SIS) da população brasileira em 2006 **era** (4) de 187,2 milhões de habitantes. Desse total, 96 milhões eram mulheres.

O aumento da proporção de mulheres em relação a homens **é** (5) uma tendência demográfica no Brasil, ou seja: a cada nova pesquisa, os resultados **mostram** (6) que a população feminina **tem aumentado** (7) cada vez mais em relação à masculina.

O indicador demográfico que expressa essa proporção se chama **razão de sexo**; ele **mostra** o número de pessoas do sexo masculino para cada grupo de 100 pessoas do sexo feminino. Acompanhe no gráfico:



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/mulher/mulherhoje.html>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

O núcleo do sujeito e seus determinantes

Para estabelecer a concordância adequada do verbo com o sujeito é importante localizar o núcleo do sujeito.

Localizado o núcleo do sujeito, podemos observar se ele é acompanhado de termos que ampliam, detalham, determinam o seu sentido. Esses são termos **determinantes**. Veja:

sujeito predicado
 "A **rapariga** bonita não aparecia."
 ↓
 núcleo do sujeito

Observe os determinantes do núcleo do sujeito:



O artigo A e o adjetivo *bonita* acompanham o núcleo *rapariga* (substantivo) determinando-o, especificando-o. Concordam com esse substantivo em gênero (feminino) e em número (singular).

As palavras que acompanham o substantivo dão à frase detalhes, especificações que tornam o sentido mais claro.

Essas palavras ou expressões que acompanham o substantivo especificando-o, modificando-o, caracterizando-o, ampliando a ideia são determinantes. Exercem, na frase, a função de **adjuntos adnominais**.

Veja quais são as classes de palavras que podem exercer a função de adjunto adnominal. Leia a frase:

sujeito
predicado

Os meus dois companheiros de viagem sofreram acidentes na última excursão.

1. Faça no caderno um esquema com as palavras que acompanham o núcleo do sujeito: o substantivo *companheiros*. Depois, indique a classe gramatical de cada uma.
2. Sem as palavras indicadas na atividade 1, a frase ficaria imprecisa. Escreva-a no caderno.

Os **adjuntos adnominais** (= *que vêm junto do nome*) podem ser representados pelas seguintes classes de palavras:

- artigo
- adjetivo
- locução adjetiva
- numeral
- pronomes que acompanham substantivos

Os adjuntos adnominais são um recurso de linguagem que, ao detalhar a ideia expressa pelo substantivo, também ampliam e enriquecem os textos quando a intenção é descrever ou caracterizar.

Atividade: uso dos adjuntos adnominais como ampliação e detalhamento de ideias

1. No caderno, identifique os elementos que compõem o sujeito (núcleo e adjuntos) das seguintes manchetes:
 - a) "Imigrante ilegal brasileira fica órfã em acidente nos Estados Unidos"
 - b) "Membros italianos do movimento 'Indignados' fazem manifestação contra a crise econômica"
2. Amplie as frases propostas acrescentando adjuntos adnominais aos núcleos destacados no sujeito e no predicado.
 - a) **Ciclistas** ganharam **troféu**.
 - b) **Armas** foram recolhidas.
 - c) **Terremoto** mata mais de cem na Turquia.
 - d) Existem **rios** e **florestas** sendo dizimados por pessoas.

- e) Manifestantes invadem ministério.
- f) Nações se comprometem com despoluição.
- g) Jovens concorrem entre si no mercado de trabalho.
- h) Durante inverno, aves buscam calor.
- i) Aquecimento causa enchentes.
- j) Livros são vendidos em bazares.
- k) Banda faz turnê.
- l) Homem e mulher casam-se em praia.
- m) Iguasas são animais.

3. Leia os quadrinhos a seguir:



WATTERSON, Bill. *Felino selvagem psicopata homicida: um livro de Calvin e Haroldo*. São Paulo: Best News, 1996. p. 7.

- a) Ao descobrir que a carta que recebeu contém um código para uma mensagem secreta, Calvin muda completamente sua atitude de aborrecimento, náusea, enjoo em relação a ela. Descreva a nova atitude do menino.
- b) Observe que Calvin, para caracterizar o que considera um *poema melado* (primeira tira), destaca a caneta e as letras com que esse poema teria sido escrito. Transcreva os adjuntos referentes a *caneta* e *letras* e indique a classe de palavras a que pertencem.
- c) Para caracterizar a mensagem secreta (segunda tira), Calvin destacou *caveira*, *letras* e *chave*. Transcreva esses substantivos indicando seus adjuntos adnominais.



Produção de texto

Capítulo de romance

Releia o final do último capítulo do romance *As aventuras de Ngunga*:

“– Mudei muito agora, sinto que já não sou o mesmo. Por isso mudarei também de nome. Não quero que as pessoas saibam quem eu fui.

– Nem eu?

– Tu podes saber. Só tu! Se um dia quiseres, podes avisar-me para eu vir buscar-te. Escolhe o meu novo nome.

Uassamba pensou, pensou, apertando-lhe a mão. Encostou a boca ao ouvido dele e pronunciou uma palavra. Mas fê-lo tão baixinho que o barulho da chinjangulla a cobriu e só Ngunga pôde perceber. Nem as árvores, nem as borboletas noturnas, nem os pássaros adormecidos, nem mesmo o vento fraquinho, puderam ouvir para depois nos dizer.

Ngunga só se despediu de Mavinga. Explicou-lhe por que queria ir secretamente. Pediu-lhe para não contar a ninguém aonde ia e não voltar a falar de Ngunga, que tinha morrido nessa noite inesquecível. E não revelou o seu novo nome ao Comandante.

Partiu sozinho para a escola.

Um homem tinha nascido dentro do pequeno Ngunga.”



Imaginem uma continuação para a história de Ngunga

1. Reúnam-se em grupos de acordo com as instruções do professor.
2. Pensem em como a história de Ngunga poderia continuar, trocando ideias sobre:
 - Qual seria o nome de Ngunga depois desse capítulo?
 - O que acontecerá com Ngunga na escola? Aprenderá a ler e a escrever ou só aprenderá a atirar e a guerrear, como já aconteceu?

- Uassamba ficará livre do alambamento um dia? Ngunga virá buscá-la?
- Haverá ou não um final feliz para o casal?

3. Troquem entre vocês as hipóteses imaginadas sobre:

- a sequência narrativa: as ações encadeadas uma após a outra;
- a sequência descritiva: detalhamento das características de personagens, espaços e ações;
- se haverá sequências conversacionais: diálogos entre as personagens.

4. Seleccionem as sequências que julgarem mais criativas para compor a narrativa de um último capítulo, o de número 30.

Escrevam o capítulo 30

■ Escolham entre vocês um colega para:

- escrever os parágrafos da nova narrativa;
- ler o que já foi anotado para que a equipe decida como continuar;
- fazer a leitura em voz alta do texto produzido coletivamente.

Avaliem a produção coletiva

1. Mudem o que foi sugerido pelos participantes da equipe, observando:

- a adequação do capítulo ao restante do romance, principalmente quanto:
 - à sequência de ações das personagens no tempo e no espaço;
 - à descrição das personagens, das ações e dos espaços;
 - às escolhas de linguagem e de estruturação das falas das personagens.
- a adequação dos parágrafos e da pontuação;
- a correção gramatical: uso dos tempos verbais, concordância entre substantivo e adjetivos, a flexão verbal de acordo com a 1ª, 2ª ou 3ª pessoa;
- a correção ortográfica: acentos e escrita das palavras.

2. Reescrevam o texto para a produção final.

Conheçam as várias versões criadas para o capítulo 30

■ Aguardem as instruções do professor sobre quando e como as produções serão conhecidas:

- oralmente: pela leitura do representante da equipe;
- por escrito: pela exposição em um mural das várias versões do capítulo 30 do romance de Pepetela: *As aventuras de Ngunga*.

●● Outro texto do mesmo gênero

Antes de ler um capítulo do romance *Dom Quixote*, uma das mais famosas e importantes narrativas da literatura ocidental, conheça um pouco da vida de seu autor, Miguel de Cervantes e, em seguida, leia um resumo da história do livro.

Biografia de Miguel de Cervantes

Miguel de Cervantes (Alcalá de Henares, 1547 – Madrid, 1616) foi escritor, dramaturgo, poeta e um dos principais nomes da literatura espanhola.

Teve uma vida tumultuada. Participou da batalha de Lepanto, na Grécia, onde sofreu um ferimento que lhe inutilizou a mão esquerda. Em 1575, foi capturado por corsários, permanecendo preso por alguns anos. Segundo se conta, foi na prisão que iniciou a escrita de sua grande obra: *Dom Quixote de La Mancha*, cuja primeira parte foi publicada em 1605 com o título *O engenhoso cavaleiro dom Quixote de La Mancha*. Em 1615, foi publicada a segunda parte. Além de seu famoso romance, escreveu novelas, poemas e teatro.



ALBUM ARTIST/ISTOCK

Unidade 1 • Histórias em foco: mito e romance

Resumo do romance *Dom Quixote*

Dom Quixote era um nobre, mas de poucas posses. Vivia em um velho casarão no qual havia uma biblioteca com uma grande coleção de romances de cavalaria. Influenciado pela leitura das aventuras dos heróis que tinham como objetivo lutar contra injustiças e defender a honra de donzelas, dom Quixote deixa-se levar pela fantasia e passa a se ver como um deles.

Vive inúmeras aventuras e envolve-se em muitas confusões para defender a honra da amada, Dulcineia de Tabosa, imaginada por ele como uma linda e frágil donzela, mas que, na realidade, era uma desajeitada camponesa.

No romance, a fantasia de dom Quixote se sobrepôs à vida real. Em suas andanças para combater vilões, saiu pelo mundo montado em um velho pangaré, imaginado como um lindo cavalo de montaria, ao qual deu o nome de Rocinante. Tem sempre a companhia de um fiel escudeiro, um pobre jardineiro, a quem chamou de Sancho Pança. O nobre dom Quixote cobriu-se com uma armadura de cavaleiro medieval, empunhando uma lança enferrujada e uma bacia de barbelo como escudo. Viveu grandes aventuras até adoecer e morrer.



GUSTAVE DORÉ/COLEÇÃO KWABINE/IMAGINA, PARIS, FRANÇA/ISTOCK

Leia, agora, um dos capítulos mais conhecidos do romance, o de número 8.



NIK NEVES/ARQUIVO DA EDITORA

88

A incrível batalha contra os moinhos de vento

Miguel de Cervantes

Depois de cavalgarem algumas horas, chegaram a um grande campo, onde se viam entre trinta e quarenta moinhos de vento.

– A sorte vem-nos guiando melhor do que poderíamos desejar – disse Dom Quixote, segurando seu cavalo. – Vê, meu fiel Sancho: diante de nós estão mais de trinta insolentes gigantes a quem penso dar combate e matar um por um. Com seus despojos iniciaremos nossa riqueza, além de arrancar essas sementes ruins da face da terra. Essa é a ordem de Deus que devemos cumprir.

– Que gigantes? – perguntou Sancho Pança, que por mais que examinasse o terreno só via os inocentes moinhos de vento agitando suas pás vagarosamente.

– Aqueles que ali vês – respondeu o amo. – Têm os braços tão longos que alguns devem medir mais de duas léguas...

– Olhe bem, Vossa Mercê – contestou Sancho – Aquilo não são gigantes e sim moinhos de ventos, e o que parecem braços são as pás que, movidas pelo vento, fazem girar a pedra que mói os grãos.

– Bem se vê que não tens prática nessas aventuras. São gigantes e, se tens medo, afasta-te daqui. O melhor é que fiques rezando enquanto me atiro a essa feroz e desigual batalha.

E, dizendo isso, esporeou o pangaré sem atender aos apelos do escudeiro, certo de que combatia ferozes gigantes.

– Não fujais, covardes e abjetas criaturas! Sois atacadas por somente um cavaleiro!

Enquanto galopava contra o primeiro moinho, o vento aumentou de intensidade fazendo girar as pás com mais velocidade.

– Não adianta agitar os braços. Havereis de me pagar! – gritou, atirando-se contra o “inimigo” mais próximo, encomendando-se de todo o coração à sua senhora Dulcineia.

Foi a conta. Ao cravar a lança numa das pás do moinho, a força do impacto reduziu-a a pedaços, atirando cavalo e cavaleiro a distância. Sancho Pança acorreu em socorro, seu alquebrado jumento trotejando grotescamente.

– Valha-me Deus! – disse Sancho. – Não vos avisei que olhásseis bem para o que íeis fazer? Que eram moinhos e não gigantes? Como é que alguém pode-se enganar assim?

Enquanto ia falando, o gordo escudeiro tentava levantar tanto o cavaleiro quanto o cavalo, pois o velho Rocinante continuava atordoado pela violência da pancada.

– Cala-te, amigo – respondeu Dom Quixote. – Esses são os azares da guerra. Eram gigantes, agora são moinhos. Essa foi mais uma picardia do sábio Frestão – aquele que roubou meus livros! – Só assim poderia roubar-me a glória de tão magnífica vitória. Mas ainda tirarei vingança de suas artes diabólicas com a justeza de minha espada!

– Que Deus decida o que é melhor! – respondeu Sancho Pança sem entender nada, mas preocupado em recolocar o amo sobre seu cavalo.

Depois de novamente montado e relativamente em condições de manter-se assim, Quixote decidiu:

– Vamos para Porto Lápice. Lá encontraremos muitas e diferentes aventuras. Praticarei tantas ações de cavalaria que te sentirás o mais afortunado dos homens por poder testemunhar esses feitos. São coisas que só vendo para crer...

Apesar dos arranhões e escoriações sofridos, o que mais entristecia Dom Quixote era a perda de sua lança. Como poderia um verdadeiro cavaleiro andante andar sem sua nobre arma? Enquanto cavalgava, seguido pelo fiel escudeiro, o fidalgo lembrou-se de que outrora o cavaleiro espanhol Diogo Peres de Vargas havia quebrado sua espada numa batalha e a substituíra por um grosso galho de carvalho. Assim armado, combatera e vencera muitos mouros, o que lhe valera a glória e o respeito de todos os seus descendentes.

– Farei o mesmo – disse ao criado. – E podes ter certeza que me sairei tão bem quanto Dom Vargas.

– Se assim afirma Vossa Mercê, certamente assim será – respondeu humildemente o escudeiro. Depois, observando melhor o outro: – Vossa Mercê está ferido? Cavalga meio de lado como se sentisse alguma dor.

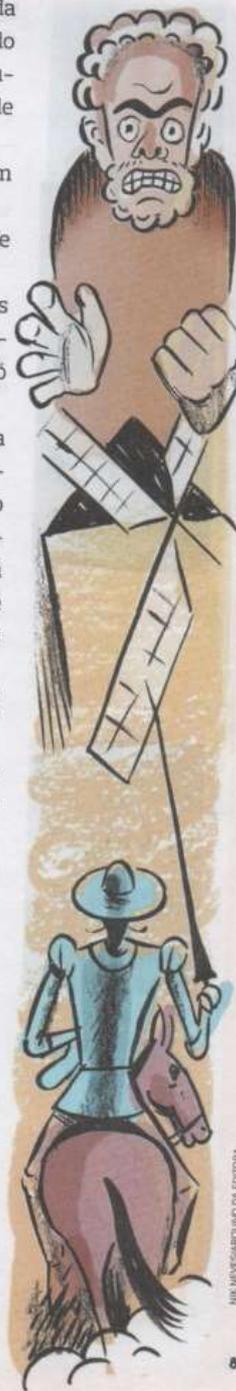
– Realmente estou um tanto dolorido. Só não me queixo porque isso não fica bem para um cavaleiro andante. Mesmo que minhas tripas estivessem saindo pelos ferimentos, jamais soltaria um ai sequer.

– Espero que as leis da cavalaria não sejam tão severas para com os escudeiros. Eu, se for ferido, mesmo um cortezinho à toa, faço a maior choroadeira do mundo.

Dom Quixote sorriu com a complacência dos verdadeiros heróis. Seu servo poderia gemer quanto quisesse. Nunca vira nada em contrário nas normas da cavalaria, que, aliás, não tratavam de assunto tão mesquinho.

Seguiram sua rota. Sancho Pança, escarrapachado sobre o lombo do jumento, mastigava algumas provisões que trazia nos alforjes, entremeadas por longos goles de vinho, que chupava de uma botija. Dom Quixote, para não se rebaixar às simples necessidades humanas, pouco condizentes com os cavaleiros de sua casta, nada comeu. Disse não ter fome.

CERVANTES, Miguel de. ANGELL, José. (adap.). *Dom Quixote*. São Paulo: Scipione, 2001. p. 25-28.





O que estudamos neste capítulo

Chegou o momento de fazer um balanço de tudo o que foi estudado no Capítulo 2. Leia o quadro e escreva no caderno o seu desempenho conforme os tópicos propostos. Isso o ajudará na hora de organizar seus estudos.

Conteúdos

Gênero: romance

"Ngunga e Uassamba", *As aventuras de Ngunga*, Pepetela

Leitura e interpretação de texto

Elementos e momentos da narrativa

Sequências textuais

- Narrativa, descritiva, conversacional

A língua portuguesa no Brasil e em outros países: algumas diferenças

Diferentes modos de citação da fala

- Discurso direto, indireto e indireto livre

Estudos gramaticais

Oração: sujeito e predicado

- Tipos de sujeito
- O núcleo do sujeito e seus determinantes

Adjuntos adnominais

Produção textual

Escrita

Capítulo de romance

Oral

Leitura do capítulo produzido

Participação em:

Práticas de oralidade

Um bom debate: Homens e mulheres têm direitos iguais: isso é uma realidade?

Ampliação de leitura

Leitura de *Outras linguagens*: Dom Quixote de La Mancha: ilustrações e pinturas, música, ópera e balé

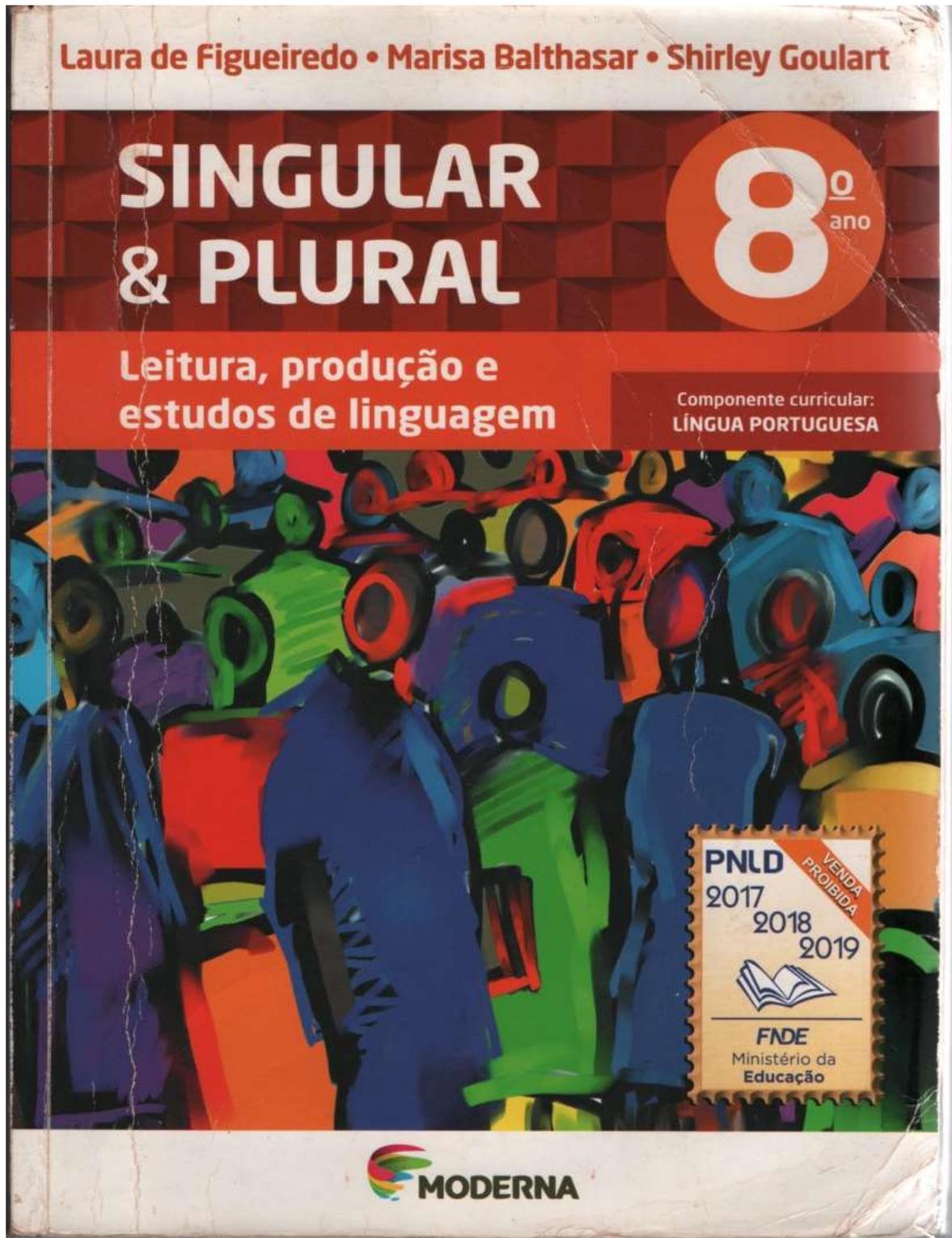
Leitura e produção de relações entre textos da seção *Conexões*

Leitura de *Outro texto do mesmo gênero*: "A incrível batalha contra os moinhos de vento", Miguel de Cervantes

Meu desempenho:

- **Avancei em** (registre no caderno os itens em que você melhorou)
- **Preciso rever** (registre no caderno os itens que você precisa estudar mais)
- **Outras observações e/ou outras atividades**

Livro 03:



- d) Agora compare a construção original com esta, em que também se usou uma conjunção de valor aditivo (e):

A Mônica cresceu, mas continua meiga, alegre e um pouco dentucinha. Ainda é líder da Turma, pelo seu caráter forte e por sua personalidade cativante e verdadeira, mostrando-se uma menina supersegura e madura.

- O efeito de sentido é o mesmo? Explique.

4. A seguir, você lerá um texto expositivo sobre abolicionismo. Os operadores argumentativos foram substituídos por números.

No decorrer do século XIX crescem as campanhas abolicionistas. Em 1850, a Lei Eusébio de Queirós proíbe o tráfico de escravos. Em 1871 a Lei do Ventre Livre declara livres os filhos de mulher escrava que nascessem a partir daquela data. Em 1885, a Lei dos Sexagenários concede a liberdade aos escravos com mais de 60 anos. (1) escravos continuarão a chegar ao Brasil através de contrabando, e da Lei Sexagenária praticamente não funcionará (2) um escravo raramente completará 60 anos, há uma queda vertiginosa na entrada de escravos no país a partir de 1850 e aumenta gradativamente o número de negros livres.

Essas leis são fruto de uma forte pressão abolicionista. São negros, mestiços, ex-escravos sensíveis e solidários aos escravos. São intelectuais que tinham como referencial as doutrinas liberais [...] e o exemplo internacional (desde 1865, Brasil e Cuba são os únicos países a manter a escravidão na América). São, (3), industriais e grandes comerciantes que consideravam mais vantajoso o trabalho assalariado. [...]

(4), podemos enquadrar a abolição dos escravos tendo como ponto de partida três princípios: as revoltas e rebeliões negras, que marcarão todo o período escravocrata; fatores socioeconômicos que forçavam a troca do trabalho escravo pelo trabalho assalariado; e, (5), as campanhas abolicionistas. Essas campanhas foram de duas ordens: existia uma corrente moderada que queria que a abolição acontecesse através do debate parlamentar; (6) uma corrente radical que defendia a abolição (7) através da insurreição popular e escrava.

OLIVEIRA, Nelson Silva. *Vultos negros na história do Brasil*. 2. ed. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2001. p. 34-35. (Fragmento).

- a) Indique, no caderno, quais dos operadores argumentativos apresentados a seguir podem substituir cada número no texto. Fique atento à estrutura das frases e à relação entre as ideias.

porém	e	no mínimo	não só	mas	por fim
mesmo que	inclusive	porque	ainda	assim	apesar de

- b) Agora, reescreva as frases em que esses operadores aparecem, substituindo-os por outros, mas mantendo um sentido equivalente. Talvez seja necessário fazer adaptações.

